

Cumbrica

Araçáju - Ano II • Nº 8 Dezembro/14 R\$15,00

UM SERGIPANO
NA BELLE
ÉPOQUE



 EDISE



EDISE

Expediente

**Editor**

Amaral Cavalcante

Produção

Sônia Pedrosa

Design Gráfico

Ananda Barreto

Clara Macedo

Felipe Ferreira

José Clécio

Designer Convidado: Marcos Ribas

Revisão

Rosilene Santos

Vanessa Góes

Assessoria Técnica

Jeferson Melo

Consultores nesta edição:

Ana Libório

Carlos Cauê

Pascoal Maynard

Colaboradores - Neste Número

Danielle Virginie (pesquisadora de história da arte) • Mário Britto (curador de arte) • Fernanda Kolmingm (blogueira) • Antônio da Cruz (artista plástico) • Carlos Cauê (poeta) • Wagner da Silva Ribeiro (poeta) • Jorge Carvalho do Nascimento (professor e jornalista) • João Augusto Gama (militante político) • Bosco Rollemberg (militante político) • Luiz Eduardo Costa (jornalista) • Igor Bacelar (blogueiro) • Marcos Melo (músico e escritor) • Clínio Guimarães (economista) • Lelê Teles (jornalista) • José Paulino da Silva (folclorista)

Cumbuca

Ano II | Número 8

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79)3205-7421

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE



Governo do Estado de Sergipe

Governador

Jackson Barreto

Secretário de Estado de Governo

Benedito de Figueiredo



Serviços Gráficos de Sergipe

Diretor-Presidente

Jorge Carvalho do Nascimento

Diretor Industrial

Milton Alves

Diretor Administrativo-Financeiro

Carlos Alberto Leite Prado

Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.

Ao Leitor

Abre esta edição matéria sobre o ilustrador sergipano Cândido Aragonez de Faria, nascido no ano de 1849, na cidade de Laranjeiras, então conhecida como a Athenas Sergipana. Reconhecido como um mestre na produção de peças publicitárias para espetáculos da cena parisiense, no final do século XIX, e como produtor de cartazes dos primeiros filmes produzidos no nascedouro da indústria cinematográfica, o sergipano Aragonez contribuiu com o seu traço para consolidar o designer característico da Belle Époque, atuando como ilustrador na célebre Casa Pathê, em Paris. Informações e vasta iconografia sobre esse ilustre sergipano encontram-se aqui, em artigo assinado pela pesquisadora Danielle Virgine.

Ainda na área das artes plásticas, Cumbuca traz matérias com os pintores Leonardo Alencar, assinada por Mário Britto e Fábio Sampaio, produzida por Fernanda Kolmingm. Antônio da Cruz aborda a obra do fotógrafo Nailson Moura em artigo ilustrado com uma seleção de fotos, da autoria de Nailson.

Os poetas Carlos Cauê e Wagner Ribeiro publicam aqui uma mostra do trabalho que desenvolvem, e o escritor Jorge Carvalho do Nascimento traz-nos uma breve análise sobre a relação entre a historiadora Maria Thetis Nunes e os intelectuais do seu tempo.

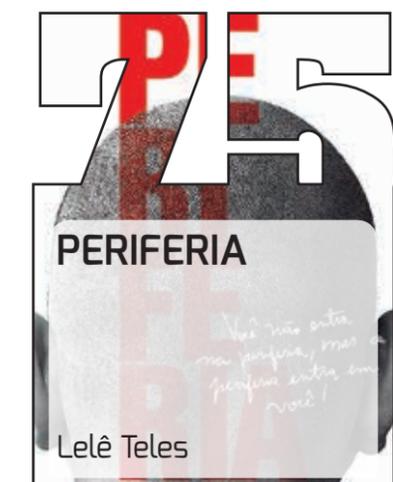
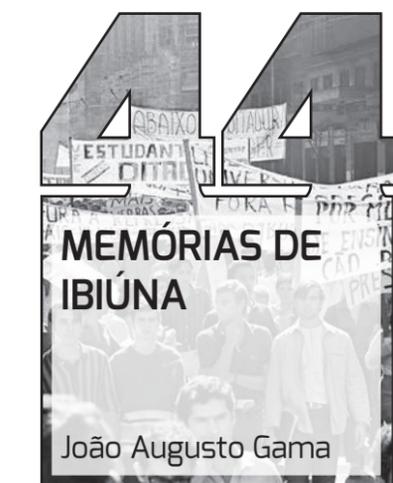
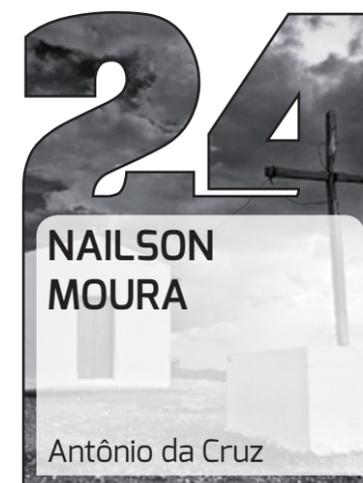
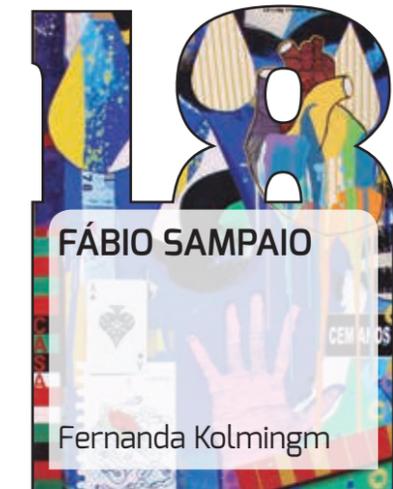
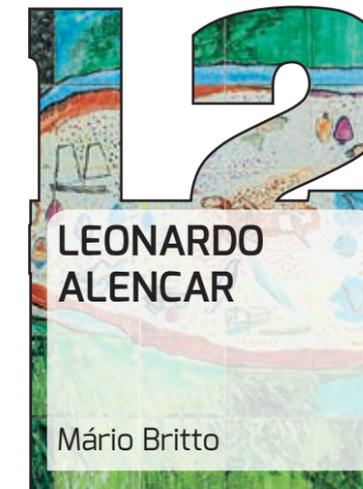
Reavivando a memória da nossa História recente, os ativistas políticos João Augusto Gama e Bosco Rollemberg lembram-nos a violência sofrida por estudantes sergipanos presos pela ditadura militar no episódio do Congresso Estudantil de Ibiúna, em 1968. Ainda no campo da memória, o jornalista Luiz Eduardo Costa discorre sobre o contraventido bandido Pititó, que, no final da década de 1950, atazanou a vida social e o aparelho policial sergipano, com suas diabruras.

O músico Sérgio Botto é homenageado nesta edição com depoimentos dos seus amigos Marcos Melo e Clínio Carvalho Guimarães. Já o músico Nino Karvan tem o seu trabalho abordado pelo blogueiro Igor Bacelar.

Finalmente, o jornalista Lelê Teles discorre sobre a evolução da Cultura chamada “da periferia” e o pesquisador José Paulino da Silva escreve artigo sobre o que ele denomina de “Culturas Populares”, fundamentando esta denominação na pluralidade delas.

Amaral Cavalcante
Editor

- 32 - POESIAS**
Carlos Cauê
Wagner da Silva Ribeiro
- 66 - SÉRGIO BOTTO**
Marcos Melo
- 80 - CULTURAS POPULARES**
José Paulino da Silva
- 86 - LIVROS EDISE**





CÂNDIDO ARAGONEZ DE FARIA

Um sergipano na Belle Epoque

Danielle Virginie



Em setembro de 2014, Paris ganhou uma fundação dedicada a preservar a memória dos primórdios do cinema. Trata-se da **Fundação Jérôme Seydoux-Pathé**, responsável por reunir um grande acervo que envolve peças essenciais ao surgimento e à existência da sétima arte: as primeiras câmeras, fotografias, rolos de filmes e inúmeros documentos importantes para o conhecimento dessa história.

Um dos protagonistas da exposição de abertura da Fundação é o Sergipano Cândido Aragonez de Faria. Festejado em Paris, e pouco conhecido dos sergipanos, Faria (não por intimidade, mas pela assinatura constante em seus trabalhos) é considerado por Sophie Seydoux, presidente da fundação,

“referência para a história do cinema e da publicidade”. O ilustrador, que trabalhou para as casas Pathé de 1902 até sua morte em 1911, terá exibida a sua produção relacionada à casa até 4 de novembro deste ano. São incontáveis cartazes produzidos para a divulgação de filmes entre 1906 e 1907, na época em que as projeções ainda ocorriam em circos.

Se os filmes eram mudos, se eram em preto e branco, a divulgação feita por Faria gritava em cores fortes e luminosas, o que era quase uma regra nas artes gráficas da transição do século XIX para o século XX. Quando Faria se estabeleceu em Paris, no ano de 1882, aquela cidade era o palco de uma importante ruptura no universo da arte. A geração de 1885, que compreende artistas como Cézanne, Gauguin, Van Gogh, empreendia uma reação ao Impressionismo. Para Gauguin e Cézanne, os impressionistas “procuram ao redor do olho e não no centro misterioso do pensamento”. Para Cézanne, Monet “não é mais que um olho”. A esses artistas não etiquetáveis foi dada a alcunha de “pós-impressionistas”, que, diferentes

entre si, apresentavam em comum o uso de cores fortes, luminosas, que quando aplicadas em suas obras tinham muito pouco compromisso com a real cor das coisas.

Soma-se a esse grupo **Henri de Toulouse-Lautrec**, que para além das telas, foi um importante artista gráfico francês do final do século XIX. Toulouse-Lautrec, assim como Faria, estudou, trabalhou e viveu em Montmartre, e lá se encontrou na boêmia, se relacionou com os personagens, os quais retratou sem ocultar os excessos e erotismos, dos ambientes luxuosos e decadentes da vida noturna parisiense.

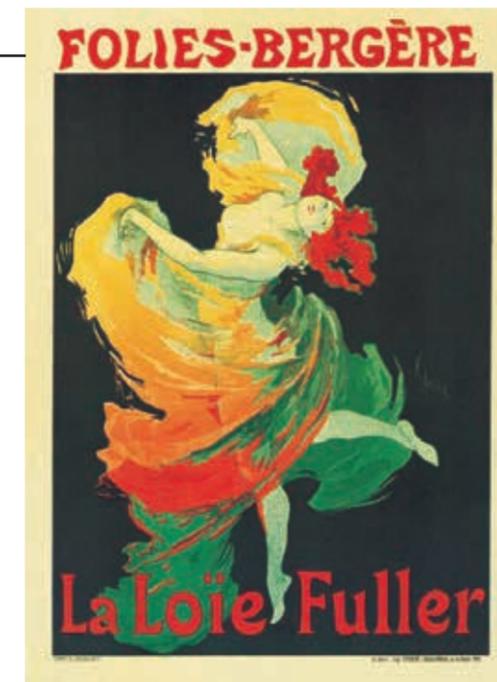
Se Lautrec era o narrador da vida Parisiense dos finais do século XIX, Faria era o arauto das próximas projeções das Casas Pathé. Conta Felipe Aragonez, neto de Faria que esteve algumas vezes em Sergipe a convite de Luiz Antônio Barreto, que seu avô não era exclusivamente cartazista das Casas Pathé, mas que, assim como Toulouse-Lautrec, Georges De Feure e Jules Chéret, pintou as apresentações da dançarina **Loïe Fuller**, cujas performances deixavam boquiabertas o público da noite parisiense. Prova disso é que ela foi retratada por, aproximadamente, setenta artistas, segundo o historiador e estudioso da cor John Gage.

Quando escreveu sobre os artistas sergipanos que viveram em Paris no final dos oitocentos, Luiz Antonio Barreto nos apresentou a relação entre Faria e outro sergipano que viveu e trabalhou em Montmartre, Horácio Hora. Morto em 1890, Hora não teve tempo de acompanhar as inovações trazidas pelo cinema e como isso se refletiu na arte ao redor dos filmes. Segundo Sophie Seydoux, “para cada filme produzido pelas Casas Pathé, mesmo os mais curtos, era criada uma ilustração”, o que significa afirmar que o cinema ativou a produção gráfica, com cartazes publicitários, panfletos e divulgação de projeções em revistas.

“
Faria começou muito cedo a trabalhar com arte. Sua formação deu-se no Rio de Janeiro onde, ainda muito jovem, ingressou na Academia Imperial de Belas Artes. Iniciou suas atividades como caricaturista em 1865, com apenas 16 anos.



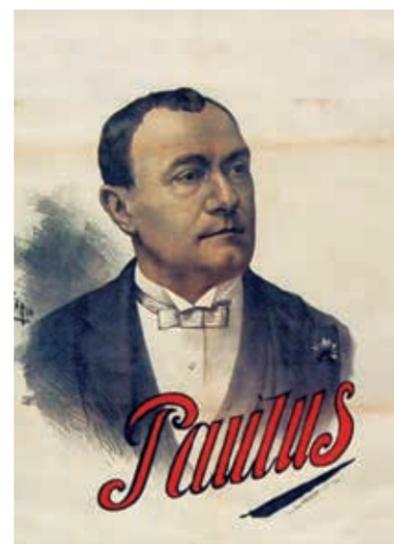
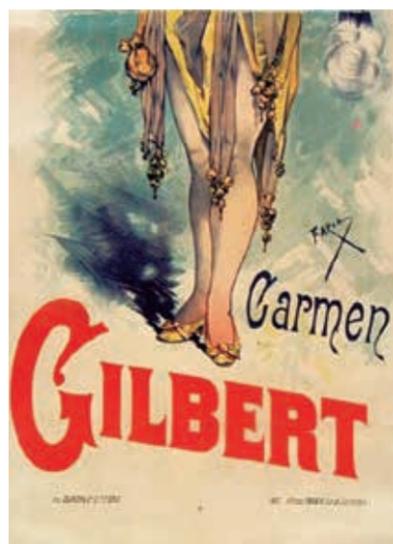
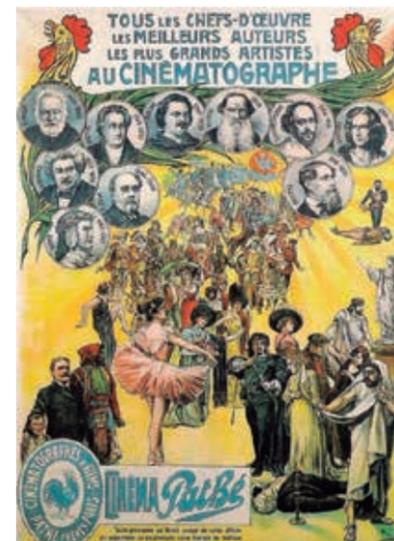
Fundação Jérôme Seydoux-Pathé, situada no prédio do antigo Théâtre des Gobelins, em Paris.



Jules Chéret, Folies Bergère. La Loïe Fuller, France, 1893.



Henri de Toulouse-Lautrec. Troupe de Mlle Elegantine (cartaz de 1896).



ANTES DE PARIS

Faria nasceu na cidade de Laranjeiras em 12 de agosto de 1849, filho do médico baiano José Cândido de Faria e da espanhola Josefa Maria Aragonez. Um incêndio que destruiu os arquivos da Igreja Matriz de Laranjeiras tornou difícil o conhecimento sobre o Casamento de Josefa Maria e do Dr. José Cândido. Também desapareceram os registros de batismos dos outros filhos do casal e dos óbitos dos avós de Faria, que residiam em Laranjeiras. Esses indícios existem graças aos registros de Felipe Aragonez, que escreveu uma breve biografia do avô, com base em pesquisas e memórias de seu pai, Jacques Faria.

Segundo ele, Faria mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, após a morte do Dr. José Cândido. Formado em Montpellier na França, ao retornar a Laranjeiras, Dr. José Cândido fundou o hospital da cidade em conjunto com o Dr. Hannibal Costa. Em 1855, faleceu vitimado pela cólera que devastou aquela cidade. O cenário da epidemia foi descrito pelo Pe. Filadelfo Jonas: “Em 24 de outubro de 1855 a Cólera-morbo ergueu-se em Laranjeiras com a mortalha em uma mão e na outra empunhando a foice da morte, arrastando para a eternidade mais de quatro mil pessoas. As câmaras de sangue e a varíola atacaram na mesma ocasião esta cidade, que só em março de 1856 ficou livre de tão cruéis flagelos”.

Faria começou muito cedo a trabalhar com arte. Sua formação deu-se no Rio de Janeiro onde, ainda muito jovem, ingressou na Academia Im-

Dediée à M^e BONTOUX. Piston solo au Palais de Cristal à Marseille

DIAPRÉE

MAZURKA

Pour Piano

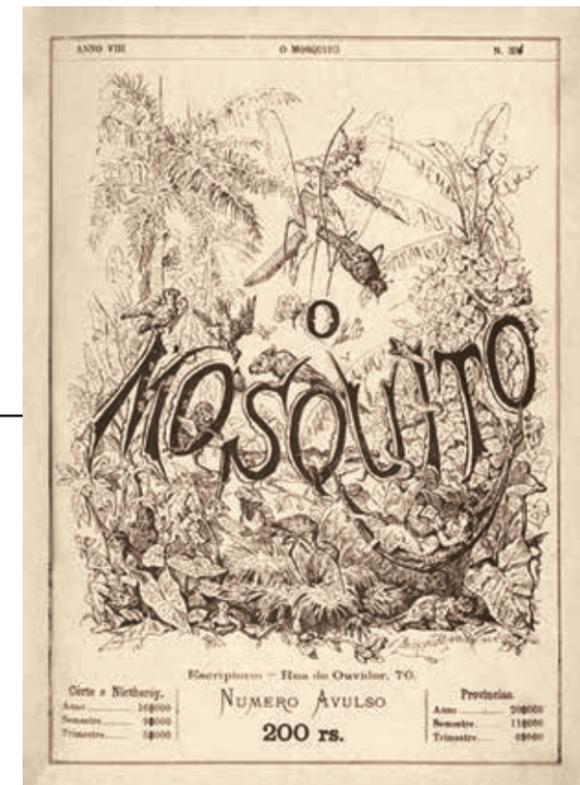
Prix Piano: 7^f

Orchestre avec solo de Piston net 1^f50

PAR LÉOPOLD BAGNAT

AUX CLOCHES de CORNEVILLE, Paris, BATHLOT & V^e HERAUD, Editeurs, 39, Rue de l'Échiquier.

Droits d'Addition, de Reproduction, de Traduction et d'Arrangement réservés.



Jornal **O Mosquito** (1869).

perial de Belas Artes. Iniciou suas atividades como caricaturista em 1865, com apenas 16 anos, e colaborou com diversos jornais na capital fluminense. Criou seu próprio jornal **O Mosquito** (1869) e, em junho de 1974, editou o semanário *Mefistófeles*, totalmente ilustrado por ele.

Em 1878, Cândido Faria foi morar em Porto Alegre, cidade onde se tornou conhecido, inicialmente, como professor de desenho, pintura a óleo e de aquarela, por ministrar aulas em colégios particulares e por dar cursos em seu ateliê. No Rio Grande do Sul, sabe-se que Faria manteve a publicação *O Figaro*, com edição feita pela gráfica do jornal alemão *Deutsche Zeitung*.

Após sua permanência na capital gaúcha, transferiu-se para Buenos Aires em 1879. Trabalhando outra vez em jornais, semanários, dentre outros periódicos, após três anos na Argentina, era notável o amadurecimento de sua técnica. Lá, participou da introdução da litogravura colorida, inovação na

América do Sul, cuja técnica passou a dominar, e utilizar amplamente, inclusive em seus trabalhos no ateliê de Paris. Faria deixou Buenos Aires e foi para a França em 1882, onde se radicou.

O alcance da arte de Faria foi descrito por Luiz Antonio Barreto: “O micro exemplo é o de Aracaju, onde o Teatro Carlos Gomes, que surgiu em 1903, cedeu sua sala para as apresentações do cinematógrafo, novidade que logo passou a ser empresariada. Foi a época dos cinemas, que preencheram a vida local, antes que o teatro Carlos Gomes passasse a ser Cine-Teatro Carlos Gomes, depois Rio Branco. Os equipamentos e filmes das Casa Pathé traziam a Sergipe os cartazes produzidos por Cândido Faria”.

O artista faleceu em Paris, em 17 de setembro de 1911, e foi enterrado no cemitério de Saint-Vincent de Montmartre, conhecido como o cemitério dos artistas. Seu ateliê permaneceu funcionando graças a seu filho Jacques Faria, até 1956. **█**



Sinfonia Sergipana, para o Museu da Gente Sergipana, 2011.

Leonardo Alencar

poeta das cores, pintor das letras

Mário Britto

Fotos: Justo Ruiz Photography

Na formação do oceano cultural sergipano, inexoravelmente, concorrem, em abundância, as águas que fluem das fontes do clã Alencar. Elas percorrem rios e riachos do saber, das letras, do conhecimento, e desembocam nos filhos do poeta Clodoaldo Alencar e dona Eurydice Fontes de Alencar, entre eles, Leonardo Fontes de Alencar, ou simplesmente, Leonardo Alencar, como consigna em suas obras. Nascido no dia 07 de abril de 1940, na cidade de Estância, Leonardo é um desses afluentes que têm trânsito livre em diversos cursos das artes, como a pintura, o desenho, a ilustração, a gravura, a cenografia, a oratória e a poesia.

Desde criança, Leonardo Alencar já mantinha intimidade com o universo artístico através das muitas leituras que fazia de revistas em quadrinhos. Já adulto, por influência dos artistas sergipanos Jenner Augusto, J. Inácio e os irmãos Álvaro e Florival Santos, passou a se dedicar ao estudo da pintura. Foi imprescindível para o desenvolvimento de sua carreira o estímulo do pintor e também professor da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), Jordão de Oliveira.

Amigo de Jordão de Oliveira, Leonardo Alencar, em suas constantes visitas que fazia ao mestre, em seu ateliê, no Rio de Janeiro, acompanhou os primeiros esboços do que seriam hoje os painéis que ornaram o foyer do Museu-Palácio Olímpio Campos, encomen-

dados a Jordão durante o governo de Leandro Maciel (1955-1959) e desenvolvidos na década de 1960, no governo de Luiz Garcia.

Quando da montagem desses painéis, em face da ausência de mão de obra qualificada para a sua execução, o jovem Leonardo Alencar e o já consagrado artista Jenner Augusto subiram nos improvisados andaimes de madeira e, utilizando-se da técnica da *maruflagem*, fixaram os históricos painéis nas paredes, realizando, assim, um grande sonho de Jordão de Oliveira, que era possuir uma imponente obra em seu estado. Aliás, a amizade entre Jordão de Oliveira e o seu admirador Leonardo remonta à montagem dos painéis em Aracaju. Foi Jordão o responsável e o organizador da primeira exposição de Leonardo, no Rio de Janeiro, no ano de 1961, na Escola Nacional de Belas Artes.

Em Aracaju, Leonardo Alencar trabalhou como desenhista, cenógrafo e discotecário da Rádio Cultura de Sergipe, onde produziu e preparou textos para o radioteatro: *O Diário de Anne Frank* e *A Guerra dos Mundos*. Em 1961, transferiu-se para Salvador, onde, inicialmente, foi bolsista no curso de gravura da Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia (UFBA); e, em 1963, passa a ser aluno regular nessa universidade. No ano seguinte, contratado como professor, participou da implantação da cadeira de Artes Visuais da Escola de Belas Artes

da Bahia. Em 1966, foi um dos organizadores da 1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas na Bahia.

Em sua pulsante passagem pela Bahia, foi vitrinista de várias lojas da Baixa do Sapateiro, caricaturista do jornal *A Tarde* e ilustrador do *Jornal da Bahia*, além de colaborador, como desenhista, do jornal comunista *Novos Rumos*. Em Salvador, conviveu entre

Leonardo Alencar recebeu uma bolsa de artista residente para morar na Europa, quando se fixou em Londres, onde desenhou para a revista *Time Out*.

artistas e intelectuais do quilate de Vinicius de Moraes, Mário Cravo Junior, Calasans Neto, Sante Scaldaferrri, Carlos Bastos, Kennedy Bahia, Raimundo Oliveira, Lênio Braga, Genaro de Carvalho, Ângelo Roberto, Emanuel Araújo, Mirabeau Sampaio, Jorge Amado; dos radicados baianos, Floriano Teixeira, Carybé e Hansen Bahia, além dos conterrâneos Jenner Augusto, Zé de Dome e Nelson de Araújo.

Em 1971, Leonardo Alencar recebeu uma bolsa de artista re-

cer do Livro, para a Escola Municipal José Carlos Teixeira, tinta sobre azulejo, 2011; *Forma Vitrea*, para o Museu da Gente Sergipana, tinta sobre azulejo, em 2011; e *Nascer do Som*, para o Conservatório de Música de Sergipe, acrílica sobre tela, em 2012.

Como ilustrador, Leonardo Alencar fez a capa do livro *Lampião no Noticiário Oficial*. Desde 2003, pertencente à Confraria dos Bibliófilos do Brasil, ilustrou com bico de pena o livro *Galinha Cega, Mansinho e Outros Bichos*, do escritor mineiro João Alphonsus; e com duas dezenas de xilogravuras, o livro de Otávio de Faria, *Três Novelas da Masmorra*. Merecem destaque, ainda, as xilogravuras, feitas para ilustrar o exclusivo *Bestiário da Poesia Brasileira*, para a Confraria dos Bibliófilos do Brasil. Recentemente, Leonardo ilustrou o livro *140 Curtidas*, do advogado, ex-presidente nacional da OAB, Cezar Britto.

Como operário da arte, paralelamente à sua atividade de artista plástico, Leonardo sempre esteve ligado aos movimentos culturais. Ainda jovem, foi membro da Arcádia Literária do Colégio Atheneu Sergipense. O conjunto de sua obra o coroou com diversas e importantes premiações e o credenciou, em 1972, como sócio do Instituto Nacional de Arte Contemporânea na Inglaterra, vindo ainda a ser, desde 2005, o ocupante da cadeira número 9 do Movimento Cultural Antônio Garcia

Filho, da Academia Sergipana de Letras. Em 2012, tomou posse como integrante da Comissão Nacional de Incentivo à Cultura (CNIC), do Ministério da Cultura, para o biênio 2013/2014.

Mestre expressionista, Leonardo Alencar é desenhista por excelência, tem domínio no uso da técnica mista, produz muito, mas não se repete, usa cores vibrantes, fortes e luminosas. Suas obras, sejam aquarelas, sejam desenhos em bico de pena ou acrílica/óleo sobre tela, não perdem a poesia, são densas, enigmáticas e expressivas. Elas nos obrigam à leitura do subentendido e das entrelinhas, ao contemplá-las se estabelece um franco diálogo com o observador, que a cada conversa descobre uma nova interpretação, um novo significado; elas não são estáticas, são questionadoras, mexem com nosso imaginário e cumprem divinamente o seu mister, que é despertar a inquietação dos seus admiradores.

Em sua paleta mágica, o artista matiza tintas, conta histórias e faz cultura. À primeira vista, as obras de Leonardo nos chamam, apaixonam-nos e denunciam a sua autoria; suas pinceladas, sejam pontilhadas ou trabalhadas, sejam definidas ou indecifráveis, são sempre inconfundíveis, e isso, por si só, consagra-o, fazendo dele um artista único. Os temas recorrentes são os personagens da *Commedia dell'Arte*: pierrôs, arlequins e colombinas; figuras em poses eróticas; nature-

zas mortas; animais, como pássaros, felinos, cavalos e, predominantemente, peixes.

Na complexidade de seu talento, Leonardo Alencar é considerado por Anna Villar, Especialista em Conservação e Restauração de Bens Culturais, como pertencente ao seletivo grupo dos modernistas, mas a sua ampla

Como operário da arte, paralelamente à sua atividade de artista plástico, Leonardo sempre esteve ligado aos movimentos culturais.

produção artística perpassa pelo impressionismo, expressionismo e pela arte abstrata, pois como afirmou o crítico de arte Carlos Eduardo da Rocha, Leonardo é “*pintor de todas as coisas deste mundo, extraordinário fixador de imagens, da natureza e da realidade do mundo corpóreo, como um verdadeiro humanista*”.

Em Sergipe, na Bahia, na Europa, ou aonde quer que tenha ido ou ainda vá, Leonardo sempre deixa e deixará a sua marca registrada de artista nas suas coloridas pinceladas, nas suas coerentes atitudes e nas suas inteligentes



Evolução da Electricidade, para a Energisa, 2010.

palavras. Tenho tido, nestas últimas três décadas, o imensurável prazer de acompanhar, como fã e admirador, a sua brilhante trajetória profissional, assisto de perto a toda essa explosão criativa desse multifacetado artista. Visito constantemente a sua casa-ateliê, e, lá, além do forte aroma de suas tintas, sinto-me inebriado pelo seu talento. É um amontoado de obras findas, por terminar, por começar, mas todas destinadas a inserir o nome de Leonardo Alencar no rol dos mais talentosos e completos artistas brasileiros. Bravo, Leonardo! Poeta das cores, pintor das letras. **C**



Nascer do Som para o Conservatório de Música de Sergipe, 2012.



Retrovisor

Fernanda Kolmingm

Acabou virando rotina. Todos os dias, o artista plástico Fábio Sampaio, santista, de 42 anos, sai de casa e vai ao seu ateliê e dedica-se a uma pesquisa sobre seu processo de criação, imprimindo nas suas obras todos os estímulos do seu cotidiano, vida e memória. Em 2013, o artista comemorou 20 anos dedicados às artes visuais. E o espaço da Pinacoteca do CULTART – UFS mostrou um pouco dessa trajetória, com a exposição “Retrovisor”, na qual, o espectador tem mais uma oportunidade de assimilar sua extraordinária poética.

O processo de criação do artista Fábio Sampaio consiste na capacidade de articular objetos diversos, que nos chamam a curiosidade, estabelecendo uma relação de sensibilidade e leveza. A importância de sua obra é que ela se manifesta numa sociedade contemporânea. Daí a importância de se investigar a obra deste artista que, ao se apropriar de objetos do cotidiano, dá sentido a tudo que é produzido na paisagem, em galerias ou em espaços públicos, enquanto local de intermediação social e cultural, apontando para relações sociais de estranhamento.

Questionamos: o que é peculiar na arte de Fábio Sampaio? À

primeira vista, o que se percebe é o cromatismo de suas obras, que provoca nossa sensibilidade. Mas sua obra está principalmente ligada à vida cotidiana, que se mostra diante de nós, por vezes, desmaterializada e nos evidencia uma comum inquietude do homem contemporâneo. As imagens que sua produção plástica suscita em nós são curiosas, carregadas de dúvidas e, em determinados momentos, verdadeiramente viscerais. Sim, por vezes, em suas obras transparentes até as vísceras estão à mostra. Então, é o todo que sua obra exhibe, o que tendemos a ocultar. Sua obra intimista, mas também, por vezes, desestabilizadora, revela o

“interior de sua casa/vida/mundo” e nos faz refletir sobre a realidade que nos cerca.

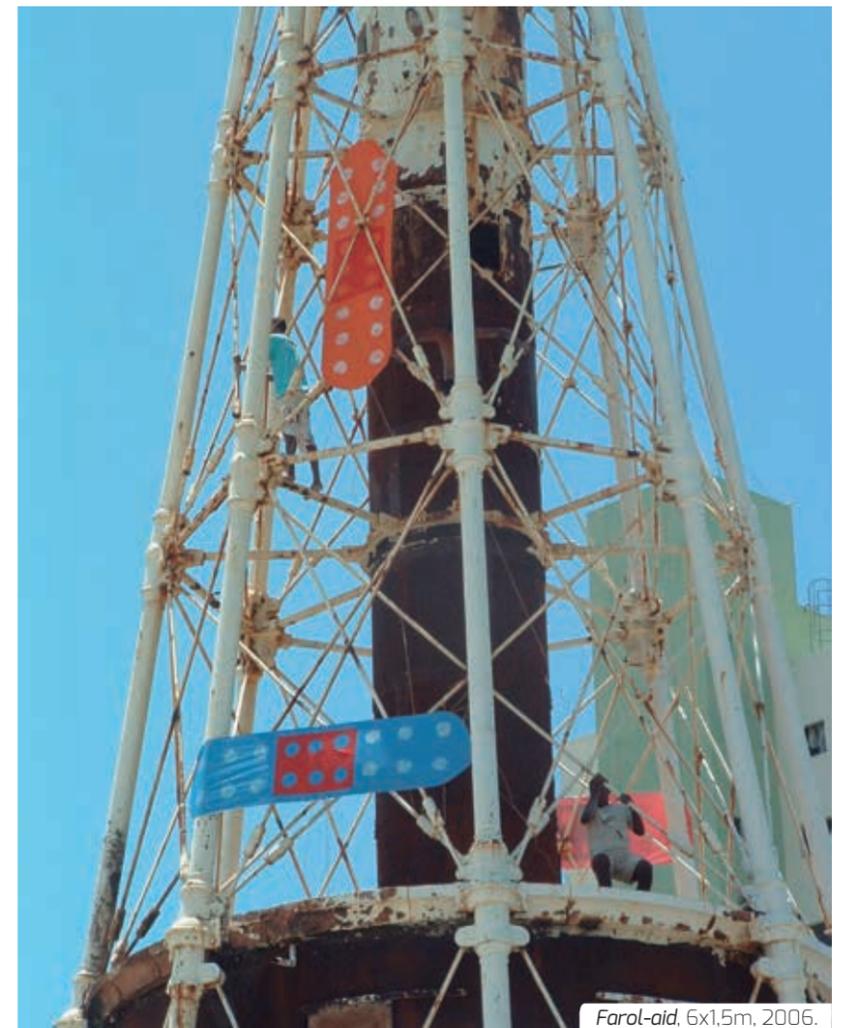
Em essência, sua produção é o resultado da síntese de sua arte e sua vida. Através de suas memórias, ele desenvolve uma poética enigmaticamente plural. Em seus trabalhos, ele utiliza uma diversidade de materiais, reconhecidos ou não, que leva o olhar do espectador a se surpreender, notadamente em suas incursões artísticas no meio urbano. Com uma linguagem universal, Fábio Sampaio nos conduz a conceitos relativos a uma imagística contemporânea, pois sua arte é questionadora, cheia de apropriações desse universo do homem atual e



consegue, talvez por isso, alcançar todo o público.

Assim Fábio Sampaio desenvolve seu trabalho de forma única. Trata-se de um estilo individual que cada um desenvolve que pode ser referido ao que diz a artista plástica Fayga Ostrower: “O estilo individual de uma pessoa corresponde a seu modo de ser, de viver, de conviver e de produzir. [...] É a essência de uma pessoa, sua interação, sua própria coerência interior. [...] desenvolve sua personalidade, se estrutura e estrutura sua obra.” Logo, não é apenas uma apropriação, mas uma nova maneira de apresentá-las de acordo com seu modo de ser, de se dar. Ele cria, assim, outra ideia para os objetos ou imagens que reproduz, procurando alcançar a mais profunda realidade das coisas, que é a sua verdadeira fonte de criação.

A memória do artista é construída individualmente a partir da junção das coisas presentes na



Farol-aid, 6x1,5m, 2006.



Vende-se, Outdoor na Praça Fausto Cardoso, 2001.



Exposição Anotações para um Roteiro, 2012.

sociedade, as quais estão sempre abertas a mudanças pela constante aceleração das transformações no tempo e no espaço, pois estão intimamente ligadas com sentimentos que levam a produzir imagens que o artista faz de si, para si e para outro. A arte é, de fato, algo muito individual, conforme afirma o pintor francês Duchamp:

“Creio que a Arte é a única forma de atividade pela qual o homem se manifesta como indivíduo. Só por ela pode superar o estado animal, porque a Arte desemboca em regiões que nem o tempo nem o espaço dominam. Viver é crer – ao menos é isto o que *eu creio*”.

Assim como Duchamp, Fábio Sampaio, afirma que o artista

deve ter consciência da sua individualidade, do seu eu, de ter um olhar amadurecido, pois no processo de criação ficarão registradas todas as suas inquietações, o que é e como pensa. O artista, então, deixa seu legado, seus pensamentos, suas memórias, suas lembranças em diversos momentos de sua criação.

Esse aspecto bem presente na composição poética de Fábio Sampaio, em que se faz evidente a incorporação de objetos extra-artísticos, sem nenhum valor estético. Nos seus trabalhos isso é bastante recorrente e eles são levados à condição de arte por ganharem sua assinatura e por estarem ou não em espaços de exposição. O artista faz isso com propriedade, como podemos sentir nos seus trabalhos para a exposição “Anotações para um Roteiro”. Nesses trabalhos, agencia uma justaposição de objetos desconexos, como botões, relógio, cartas de baralho, notas fiscais, senhas, imagens de santos, brinquedos, entre outros. Estes elementos são associados e agregados à superfície da tela. Ele não utiliza apenas sua paleta de cores, mais sim todos os materiais percebidos pelos olhos, que se tornam ferramentas necessárias para a construção de sua poética.

Sampaio concede, assim, uma nova importância aos objetos comuns do cotidiano. Ele estabelece uma relação com as imagens fragmentadas da memória, numa tentativa de comunicação direta entre obra, artista e público. Por meio de signos e símbolos retirados do seu imaginário, que são motivados por questões do seu tempo atual, o artista reproduz imagens que em alguns momentos são irônicas.

Logo, o trabalho do artista é pautado em constantes reflexões, estabelecidas através de diálogos

internos ou através de seus registros em diários, anotações em papel ou agendas, de filmes assistidos, lembranças, livros. Assim sendo, o artista constrói, a partir de sua imaginação e de seus experimentos, no decorrer da pesquisa, seu mundo artístico em que vai transformando os objetos do cotidiano em arte. A autora Cecília Salles coloca que, no processo criativo, a obra passa por diversas



Ele não utiliza apenas sua paleta de cores, mais sim todos os materiais percebidos pelos olhos, que se tornam ferramentas necessárias para a construção de sua poética.

hipóteses: “No momento da construção da obra, hipóteses de naturezas diversas são levantadas e vão sendo postas à prova. São feitas seleções e opções que geram alterações e que, por sua vez, concretizam-se em novas formas. É neste momento de testagem que novas realidades são configuradas, excluindo outras. [...] Tudo é mutável, mas nem sempre é mudado”.

Assim, a obra desse importante artista pulsa em sua relação com Aracaju. Seu olhar via-

ja, buscando o ritmo da cidade, sintetizando suas formas e suas cores, constituindo um mundo próprio dessa natureza comum do lugar. Ele espreita a cidade, acompanha seus movimentos, suas mudanças. Ao inserir seus inquietantes signos e imagens dentro da cidade, por meio de suas intervenções artísticas, ele o faz com objetividade e clareza. Sua obra estabelece um diálogo vivo e constante nos espaços urbanos, uma vez que caminha no vaivém da cidade com muita propriedade. A poética de Fábio Sampaio nos remete às palavras de Kevin Lynch: “A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, [...] conduzem, à lembrança de experiências passadas”.

A obra de Fábio Sampaio é, de fato, fruto de um olhar inquisidor, que contextualiza, que dá sentido a tudo o que é produzido na paisagem, que nossos olhos não mais conseguem ver, pois no horizonte contemporâneo não há tempo para a contemplação. Enfim, podemos dizer que Fábio Sampaio é um artista contemporâneo, que compreende e adapta suas formas e cores na descoberta de novas possibilidades. Ele encontra, dessa forma, a simples razão de se ter tornado artista, ou seja, de criar para todos.

O homem, a terra e a luta pela imagem

Antônio da Cruz
Fotos: Nailson Moura

O homem

O homem pode ser rude, de poucas palavras, como o taciturno Fabiano, do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Pode ter percorrido trilhas portando sonhos e afugentando perspectivas incertas. O homem típico forjado pelo ambiente dos rincões sertanejos caleja as mãos temperando a esperança. No equilíbrio daquele ecossistema o homem é o estranho que usufrutua da natureza, enfrentando a brutalidade do sol e a escassez de água.



Para Nailson Moura, sertanejo ribeirinho ou beiradeiro, do Rio São Francisco, nascido dia 25 de outubro de 1962, no Curral de Pedra, atual Gararu, não lhe faltou água nem palavras no repertório, o que lhes sobravam foram inquietações. Até os seus 11 anos de idade, quando o seu pai, funcionário dos correios, foi transferido para N. S. das Dores, ele viveu em Gararu. Infância de riqueza lúdica e feliz. Caçou de baleadeira (estilingue), mato adentro; nadou e pescou no Velho Chico; jogou bola na rua; brincou de circo – o famoso “Circo Onze Perigos” –, vendeu picolé da Tia Sônia para ganhar um trocadinho; empurrou o carrinho de madeira de Manoel, o buraqueiro, – nome dado a morador do município de Porto da Folha –, ambulante, carregado de mercadorias de tecido para vender de porta em porta e obter como pagamento uma camisa ou outras peças de vestuário.

Entre seus 11 e 17 anos, segunda metade dos anos 70,

estava em N. S. das Dores. Foi um período de muitas descobertas. Com a mesma inquietude, lá se iniciou na pintura e na música com o Mestre Edilberto; trabalhou em loja de roupas como vendedor e até como locutor. Escrevia o texto e anunciava no sistema de autofalante do comércio da cidade, nos dias da feira, às segundas. Foi o prenúncio das atividades no rádio, no início dos anos 80, em Aracaju, quando atuou como radialista. Ainda residindo em Dores, concluiu o curso de técnico no Colégio Agrícola, Quissamã, São Cristóvão, Sergipe.

Chega um tempo em que as inquietações infantis dão lugar às preocupações juvenis, e destas, vêm as responsabilidades de adulto. Arribar, procurar outras paragens, fazer o próprio tempo e sina, termina sendo a solução para gerações a fio. O homem migra. Do lugar, ele leva consigo reminiscências, pedaços de vivências de tempos inocentes e

esperançosos. Assim Nailson se bandeou para Aracaju, a capital de Sergipe, impregnado das suas referências sertanejas.

As boas lembranças vêm dos grandes Mestres, pessoas que detinham profundos conhecimentos em suas áreas de atuação, tais como: Mestre Alvinho, exímio marceneiro da cidade e uma das pessoas mais espirituosas que conheceu; Mestre Moisés, de uma sabedoria profunda; Seu Manoel Olhinho, a pessoa mais generosa, que, em tempos de seca matava a fome de muita gente; a sua primeira professora, Adélia, “A minha primeira luz e que me ensinou durante os primeiros quatro anos e decisiva nos rumos que tomei doravante” diz; o seu Avô Paterno, o “Véio Moura”, como era conhecido na cidade. “Ele é minha maior referência como homem e cidadão, uma pena só ter convivido com ele os meus sete primeiros anos de vida, mas, anos que deixaram em meu DNA o gen (gene) do que sou.” Outros



Vaqueiro Encourado | Sertão Sergipano



Encourado - Sertão Sergipano

personagens também lhe marcaram de forma “implacável”, dentre eles, os canoieiros, cujas “canoas de toldas” de velas enormes, abertas como borboletas livres, singravam o Velho Chico, rio acima, rio abaixo. Daquela visão esplendorosa, Nailson compreendeu a liberdade como a essência da existência humana e empreendeu esforços para conquistá-la. Continuou com esta perspectiva nas lutas estudantis e na militância política.

A Terra

O que comumente chamamos de sertão é o semiárido, que abrange uma área de 969.589,4 km² e compreende 1.133 mu-

nicipios de nove estados do nordeste: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia e o norte e o sudeste de Minas Gerais. Vivem nesta região árida, extensa, cheia de símbolos e personagens fortes cerca de 22 milhões de pessoas, que representam 11,8% da população brasileira, segundo o IBGE. A vegetação típica é a caatinga. Quando perguntam a Nailson sobre o sertão, ele diz que logo lhe vem à mente uma imagem de xilogravura, onde o contraste é fortemente ressaltado. O sertão é um lugar onde tudo é demasiadamente grande: “É Seca, mas também é São Francisco; pobreza e Riqueza; Deus e Diabo; Conselheiro e Lampião;

vida e morte; verde e cinza, tragédia e alegria. Possui uma beleza diferente e muito forte, de uma cultura retrógrada e criativa; ao mesmo tempo marcadamente medieval nas tradições, mas que não é só uma reserva de coisas antigas, é também civilizado. Lugar que deu ao mundo a palavra ‘LUAR’, que não tem tradução, e que foi capaz de gerar um Ariano Suassuna. O sertão é grandiosamente belo e terrível, uma região expulsiva, mas que não sai de dentro do sertanejo migrante. O sertão é uma nação de gente simples, ingênua e de muito boa-vontade, mas que é “antes de tudo um forte.” Assim conclui Moura a sua visão de sertão, citando Euclides da Cunha, quem

muito bem conheceu os sertões e sua gente brava e valorosa, cuja tempera é a determinação para vencer o impossível, na labuta diária de secas longas e chuvas parcas, mesmo à beira do “Rio da integração nacional”, sendo também este mesmo Velho Chico o rio da salvação da nação nordestina.

A luta pela imagem

O mormaço da terra parece ser mais forte do que o calor vindo diretamente do sol. As viagens e as caminhadas pelas trilhas incertas da caatinga são desafios inevitáveis para se capturar imagens preciosas. O sertão inspira o sertanejo, mas a literatura inspirada no modo de vida sertanejo, como as obras de Graciliano Ramos e de Euclides da Cunha, são referências importantes que também inspiram o fotógrafo.

A atividade de fotografar para Nailson começou como *hobby*. Ao adquirir o primeiro equipa-



Bloco da Lama | Gararu/SE





Expressão de fé | Divina Pastora/SE

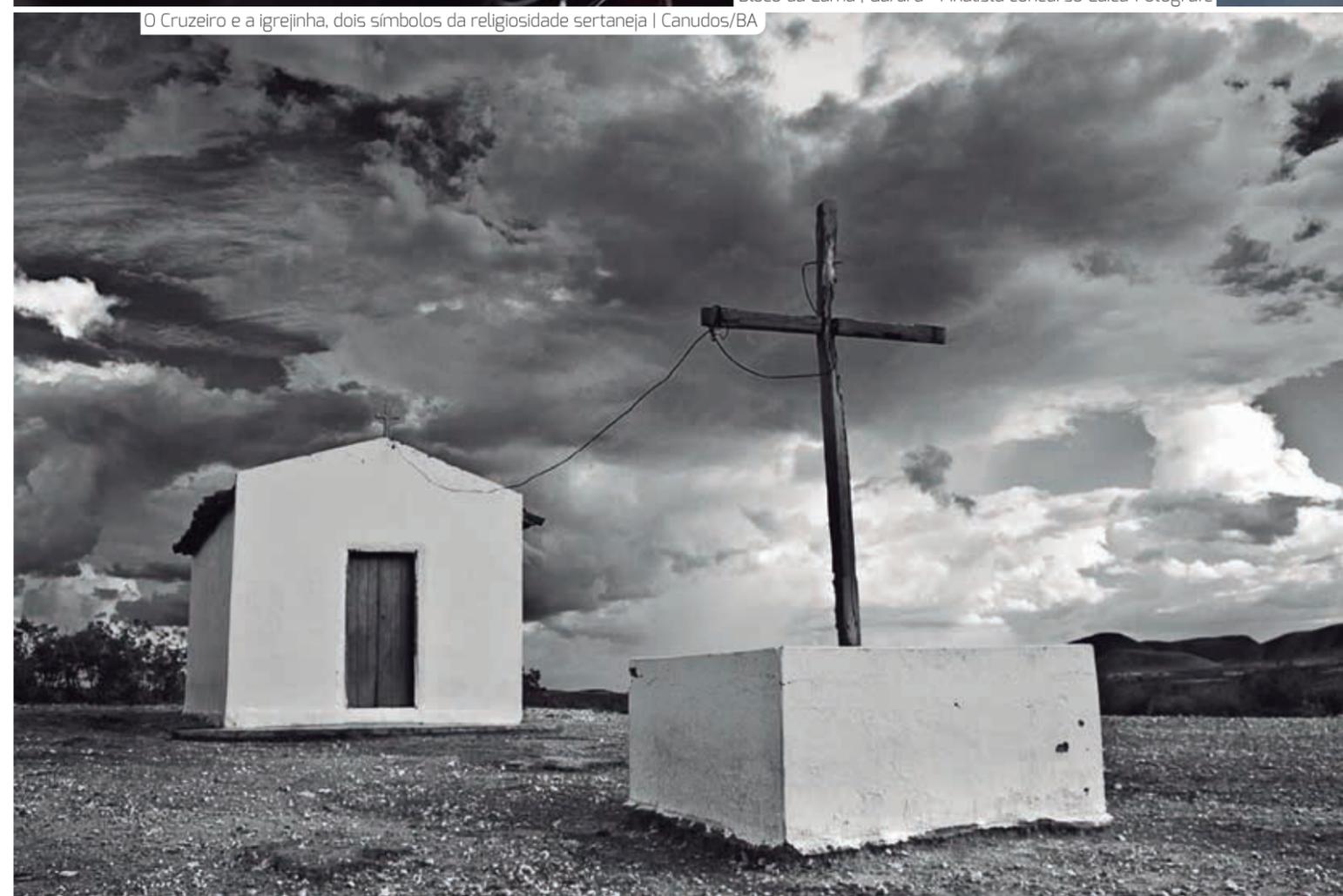
mento, uma Nikon D60, em 2008, conhecia muito pouco da técnica fotográfica. Fez curso básico na Escola Focus de São Paulo, e procurou a literatura especializada, aprimorando, assim, seus conhecimentos. De 2008 para cá, Nailson participou de nove exposições, entre coletivas e individuais. Muitas das suas fotos estão em revistas e livros pelo Brasil afora. Agora em 2014, o fotógrafo realiza um importante projeto: “Brotando das Mãos”,

com a exposição “Narrativas Imagéticas”, lançada na Galeria de Arte Álvaro Santos, em maio, atualmente circulando pelo estado de Sergipe, tendo passado no Espaço Cultural da Assembleia Legislativa e no Museu Histórico de Sergipe. Lança, também, o seu primeiro livro: *Crônicas do Ateliê*. “Brotando das Mãos” foca os artífices, artesãos e artistas plásticos, pessoas que se utilizam das mãos para gerar objetos, sejam com fins utilitários ou estéticos.

Na sua busca por qualificação, Nailson Moura teve a felicidade de se deparar com dois veteranos da arte de fotografar: Evandro Teixeira e João Roberto Ripper. Com eles, Nailson compreendeu que, fotografar não se limita a ser apenas um meio de registro da realidade, mas de uma ação poética com clima, tensão entre o ato de olhar e disparar o botão para ouvir o clicar característico, e por fim, obter a fotografia desejada. Com a experiência, as duas ações de documentar e fazer poesia imagética se fundem e ganham outras dimensões e importância. Além dos aspectos técnicos que dizem respeito ao enquadramento, foco e luz, entre outros elementares, Nailson tem consciência de que, os aspectos abstratos, psicossociais, contidos no ato de fotografar, devem ser levados em conta. Conhecer o assunto é fundamental, seja quando se trata de paisagem, objetos ou pessoas. Envolver-se com eles é parte do processo de achar, fotografar e valorizar a imagem, como um tesouro a ser preservado. Quando o objeto são pessoas, neste processo de aproximação é muito comum surgir uma amizade, e nas revisitas o fotógrafo entrega pessoalmente ao fotografado suas imagens captadas com zelo e carinho. Nailson diz que o seu trabalho é cinza como a caatinga no verão seco e colorido como as festas juninas no inverno chuvoso. Quem conhece o seu trabalho sabe do cuidado e apreço que ele tem pelo que faz, seja no vibrante multicolorido ou no conciso claro/escuro. **Q**



Bloco da Lama | Gararu - Finalista concurso Laica-Fotógrafa



O Cruzeiro e a igreja, dois símbolos da religiosidade sertaneja | Canudos/BA

POESIA

Carlos Cauê



É alagoano de Maceió, nascido em 15 de julho de 1961. É jornalista e publicitário, especialista em Marketing Político. Reside em Aracaju/SE desde 1980. *Amorável* é seu primeiro livro de poesia. Escreveu *Contos de Vida e Morte*, publicado pela J. Andrade, em 1999.

DA PERDIÇÃO

Para cuidares dessa fome, dou-me a ti,
Inteiro corpo para a tua dentada,
E osso e carne e sentimento
E tudo mais quanto quiseres.

Salga-me com tuas mareas
Talha-me com teus pudores e vem,
Boca aberta, dentes afiados
Desfrutar da presa que ganhaste.

Cavalga sobre a indolência desse corpo.
Eu te espero com a paciência das areias
Mudas, recebendo a língua ávida do mar.

Sacia-te dessa fome que é de séculos
E repousa manso
Sobre minha vida que ruma.

(*Amorável*, 2014)

POESIA NA GARGANTA

Quero de novo o estupor da poesia na garganta,
Esse travo que me diz quem sou
e tatua em mim a estrada
que me rodo-via
a ti
Quero o que de mais longínquo fostes
O clarão que incendiou teus olhos
Quando tasteavas tua própria vida
E o delicado gesto que anunciou o nosso encontro
Na esquina.

Quero o que de mim roubaste,
Essa noite insone presa no delírio,
Essa carícia insuportável em minha alma
E esse frêmito roto, selvagem, estonteante
Com que arranca meu desejo.

Quero o embaraço da palavra,
A fibra dos sentidos se fazendo emoção na minha boca
Mordiscando o que de ti compus no meu olhar.

Quero a sangria desatada,
O líquido vívido dos teus mares
Engolindo meus golfos,
Minhas enseadas.

Quero o mimo dos teus aís,
A melodia secreta dos teus gozos
E o estertor que lhe devora.

(*Amorável*, 2014)

FORTUNA

Quero os desvãos da tua curvatura
Para aconchegar meu caçua de amores.
Sou tropeiro de muitas terras e poucas gentes
Tenho no olhar uma paisagem desesperada
Me chamando eternamente para mim,

Para a solidão a que me sentenciei, lá atrás.

Por isso preciso como louco desse desvão da tua alma,
Desse abismo que sinalizas estar à minha frente,
Dessa erupção escandinava que antecipas.

E aventuro-me, ansioso,
Nesse precipício de emoção e gozo.
É aí que sinto caber-me nesse mundo,
Revendo a mim com os olhos que legaste à paisagem,
Tingindo-os de amor.
E se outra vida a mim me fosse dada
Também essa seria dedicada ao milagroso gesto de te amar,
De eternizar tua passagem pelo mundo
Perpetuando todas as esquinas.

Consagrar o teu sorriso na ternura e deixa-lo ali,
Como totem dessa aventura,
Na morada mais secreta do meu sentimento.

(*Amorável*, 2014)

LIQUIDEZ

O meu amar-te é água.
Enlevo a que me entrego sob o risco
Do naufrágio.
Dilema de navegar sem cartas,
Nem constelações.

Iceberg impassível,
Gelo do sentir,
Frieza que estala em ameaça.
- Amor de neves e cristais -

E eis-me vaporado,
Evolando meus suores sobre seus desdêns,
Chuva a que me precipito
Te surpreendendo o passo.
Lamaçal em que nos chafurdamos na manhã.

O meu amar-te é água.
Superfícies e funduras.

(*Amorável*, 2014)



Wagner da Silva Ribeiro nasceu em Ilhéus-BA, a 18/03/1944, de pais sergipanos, e reside em Aracaju desde 1947. Publicou dez livros de poesia: *Ad versus; Cantares do Mar Egeu* (Diploma do Mérito Cultural da República Helênica – Consulado Geral da Grécia do Rio de Janeiro, e Prêmio Centenário de Emílio Moura, da Academia Municipalista de Letras, 2002); *A angústia de Zeus* (Prêmio Lacur Schettino - hors concours - da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, Prêmio Centenário de Hely Menegale, da Academia Mineira de Letras, 2003, e Prêmio Capital, 2004); *Memorial do Aedo* (Prêmio Capital 2005); *Cantar de Ariadne; Cantar de Minotauro; Tributo aos Deuses Lares; e Coroas de Soneto* (Prêmio Olympio Monat, da União Brasileira de Escritores - RJ, 2010); *Sonetos; Ave; e Caesar*. Participa da antologia *Perfil Grécia em poetas do Brasil* (seleção de Stella Leonardos, publicação do Consulado Geral da Grécia do Rio de Janeiro). Diploma de Personalidade Cultural (2005), e Prêmio Joaquim Norberto – Ação cultural e Obra Literária (2007), ambos conferidos pela União Brasileira de Escritores – RJ. Chevalier dans l'Ordre des Palmes Académiques, comenda do governo Francês. Membro da International Writers and Artists Association – IWA (EEUU). Publicou, também, *A vida cheia de véu*, narrativas; e J. Inácio, vida e obra (texto do álbum).

Muros

A Bené Santana

Prédios devoradores de horizonte
Não me perturbam mais, sei ver agora
Para além do concreto e o que demora
Entre as sombras, bem antes que desponte.

Tal como o camponês, quando se enflora
E enfolha a sebe, e ao deparar o monte,
Peço ao olhar da alma enxergue e conte
O quanto o olhar do rosto ainda ignora.

E o mais, se importa, vejo pela fresta
Da fatia de céu – quanto me resta –,
O róseo da alba, o opala que se segue,

O rubor do crepúsculo e a imensa
Noite que se prolonga e tanto adensa
Por essa chaminé que me persegue.

Destino

A Santo Souza

Dá-me a mão, mostrarei o teu destino.
Não nos sulcos da palma, que, jejuno
Na mântica, só vejo que o divino
Costuma desenhar com traço bruno.

Eu sou andejo e poeta, peregrino
Por paisagens oníricas, reúno
Na alma angústia e emoção, com que declino
O múltiplo que existe no que é uno.

Eu te conduzirei, com lentos passos,
À floresta de enganos, embaraços,
Medo e incerteza em que me perco amiúde.

Numa clareira, aberta em sítio esconso,
Elevarei por ti suave responso.
E assim terei mostrado quanto.

Ocaso de um deus

Antes que cubra o musgo toda a frente
Do velho deus, no templo abandonado
– ele que pela voz grave do arconte
Há de ser para sempre degradado.

Antes que sobre as águas do Aqueronte
Seja pelo barqueiro transportado;
Antes que seu espírito remonte
Às origens, nas brumas do passado;

Um sacerdote adentra-se, moroso,
E no olhar baço, outrora esplendoroso,
Um traço busca, em vão, da excelsa glória.

Também vivendo o ocaso dos seus anos,
Cético de prodígios e de arcanos,
Descrê dos deuses para crer na História.



A HISTÓRIA E OS INTELLECTUAIS DE MARIA THETIS NUNES

Jorge Carvalho do Nascimento

Maria Thetis Nunes trabalhou como professora e pesquisadora ininterruptamente durante 63 anos. Publicou mais de 10 livros, além de artigos e ensaios em revistas científicas.

Nascida no município de Itabaiana, região do agreste do Estado de Sergipe, em 6 de janeiro de 1925, ali cursou a escola primária. Os estudos secundários foram realizados no Atheneu Sergipense, em Aracaju. Concluiu o seu curso de graduação em Geografia e História na primeira turma da Faculdade de Filosofia da

Universidade Federal da Bahia, aos 22 anos de idade, e em Museologia no Museu Histórico Nacional, em ambas obtendo sempre a primeira colocação.

Na sua estreia como intelectual concorreu à cátedra de Geografia e História do Atheneu Sergipense, em 1945, com a tese “Os Árabes: Sua Contribuição à

Civilização Ocidental”, discutindo o Islamismo, a literatura árabe, a arte muçulmana, a filosofia e a ciência árabes, além da influência muçulmana no Brasil. O concurso a transformou em professora catedrática e na primeira mulher a integrar a Congregação do Colégio, da qual participavam os mais importantes intelectuais

de Sergipe. Foi também a primeira mulher a dirigir (1951/1954) a instituição, implantando importantes reformas pedagógicas, até a sua mudança para o Rio de Janeiro, em 1956, como estagiária do Instituto Superior de Estudos Brasileiros – o ISEB. Cinco anos antes de viajar para o Rio, ainda em 1951, foi professora fundadora da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e a primeira mulher sergipana a ingressar no magistério superior.

Ao final do seu curso, na primeira turma do ISEB, apresentou a monografia “Sívio Romero e Manuel Bonfim – Pioneiros de Uma Ideologia Nacional” e passou a atuar como professora assistente de História da Educação,

durante quatro anos. A partir de 1961, trabalhou na Argentina como Adida Cultural do Brasil, na cidade de Rosário, e como professora dos cursos de pós-graduação da Universidade Nacional do Litoral, também durante quatro anos.

Ao retornar a Aracaju, voltou para o Atheneu e para a Faculdade Católica de Filosofia, até a fundação da Universidade Federal de Sergipe, onde ingressou, em 1968, como professora titular de História do Brasil, História Contemporânea e Cultura Brasileira. Como decana da UFS por duas vezes, ocupou o cargo de vice-reitora. Após a sua aposentadoria, recebeu o título de professora emérita.

Thetis foi membro do Conselho Estadual de Educação, entre os anos de 1970 e 1981, e, a partir de 1982, do Conselho Estadual de Cultura, até o ano de 1994. Durante seis anos presidiu aquele colegiado. Também presidiu o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe durante 30 anos e ocupou a cadeira número 39 da Academia Sergipana de Letras.

O seu primeiro texto foi publicado em 1945. Depois, em 1962, pela primeira vez, ela se mostrou como historiadora da Educação. O seu livro sobre o ensino secundário no Brasil foi recolhido pela ditadura militar e teve a sua circulação proibida, em 1964. Em 1973, produziu o primeiro trabalho sobre a História



Lançamento do livro *Sergipe Provincial II (1840-1889)*, no auditório do Centro de Aperfeiçoamento de Recursos Humanos Professor Fernando Lins de Carvalho (Cemarh), em 2006.



ria de Sergipe. Em 1976, fez a sua primeira reflexão sobre os intelectuais, ao estudar Sívio Romero e Manoel Bonfim. Em 1981, inventariou os documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, em Portugal. Em 1984, publicou a sua História da Educação em Sergipe. Em 1984, colocou em circulação o primeiro volume da História de Sergipe Colonial. Em 2008, foi homenageada pela Sociedade Brasileira de História da Educação, durante o V Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado em Aracaju.

A Intérprete da História

Maria Thetis Nunes foi fundamentalmente uma intérprete da História de Sergipe, debruçada sobre a análise da Economia, da vida social, das atividades lúdicas, das atividades intelectuais, dos estudos biográficos. Ao tomar posse na Academia Sergipana de Letras, em abril de 1983, ela ma-

nifestou toda a sua consciência diante da História, explicitando a sua posição ideológica:

“Creio na marcha da História, no devenir, no advento de um mundo mais justo e mais humano. Apesar de ter vivido parte da minha vida sob dois regimes ditatoriais, cultuo a liberdade. [...] Também estou com os que lutam defendendo a cultura ancestral, dilacerada em nome da civilização cristã ocidental, como fazem

“
Maria Thetis Nunes foi fundamentalmente uma intérprete da História de Sergipe, debruçada sobre a análise da Economia, da vida social, das atividades lúdicas, das atividades intelectuais, dos estudos biográficos.

os povos da África negra ou da Ásia tropical. [...] Assim tenho caminhado impulsionada pela luta e pela esperança”.

Sua historiografia está assentada sobre a contribuição teórica do Marxismo, valorizando principalmente o diálogo com Plekhanov, a partir de quem entende estar a organização social em equilíbrio instável, onde as forças produtivas sociais estão em crescimento. Para ela, Labriola assinala com razão que exatamente esta instabilidade, bem como os movimentos sociais e as lutas de classes sociais pela História engendradas preservam os homens da paralisação intelectual.

Esse modo de ler a História foi aperfeiçoado por Maria Thetis durante o período em que atuou como bolsista-estagiária do Instituto Superior de Estudos Brasileiros – o ISEB. O Instituto agrupava as mais diversas tendências ideológicas, buscando interpretar a realidade nacional, de modo a arrancar o Brasil do subdesenvolvimento para levá-lo ao que

os seus teóricos consideravam o ideal da sociedade desenvolvida.

Certamente, para as reflexões acerca da História feitas por Thetis Nunes em tal período, foram muito importantes as contribuições oferecidas por Nelson Werneck Sodré, mas não é possível desconsiderar o peso dos estudos realizados no mesmo ISEB por Alberto Guerreiro Ramos, Álvaro Vieira Pinto e Ignácio Rangel. Não sem propósito, é a estes que ela dedica o seu livro *Ensino Secundário e Sociedade Brasileira*, publicado em 1962, resultante dos estudos que realizou no Rio de Janeiro. Alberto Guerreiro Ramos foi homenageado novamente em 1984, quando a autora colocou em circulação o livro *História da Educação em Sergipe*.

Os padrões de interpretação da História que Thetis Nunes incorporou no ISEB chegaram ao Brasil em face da interlocução de muitos intelectuais com o pensamento circulante na Comissão Econômica Para a América Latina – CEPAL, que funcionava no Chile desde 1948. Um desses brasileiros era Alberto Guerreiro Ramos, ao qual Thetis homenageia por tê-la ensinado a compreender e operar a lógica dialética. A historiadora sergipana assumiu dele a concepção faseológica de História, “[...] a noção de que a história tem fases que se sucedem e que a adequação dos instrumentos de análise às peculiaridades da fase em que se encontra o analista corresponde a um gesto



Profª Thetis com Luiz Antonio Barreto.

revestido de rigor científico e, acima de tudo, de compromisso político com a superação das agruras daquele momento”.

Isso levava Guerreiro Ramos a propor a chamada redução sociológica que entusiasmou Maria Thetis Nunes. Assim, as teorias formuladas pelos intelectuais das ciências humanas, na Europa e nos Estados Unidos da América, deveriam passar pelo

crivo empírico da realidade local e somente teriam validade quando interpretadas vis-a-vis com as condições produzidas pelo capitalismo no Brasil. Foi esse entusiasmo de Maria Thetis que levou Nelson Werneck Sodré a elogiar o seu trabalho:

“O condicionamento histórico fica perfeitamente claro: a cada etapa do desenvolvimento brasileiro corresponderam, necessaria-

mente, um sistema educacional e as transformações que lhes foram próprias. [...] A professora Maria Thetis Nunes coloca esse desenvolvimento de forma clara e objetiva, situando cada uma das fases e as transformações que lhes foram próprias”.

A historiografia de Maria Thetis Nunes tem ainda duas outras características: a primeira diz respeito à luz que lança sobre Manoel Bomfim, a quem designou pioneiro de uma ideologia nacional; a segunda concerne à isenção com que a pesquisadora observa as relações entre o regional e o nacional, sem qualquer tensão.

Os Intelectuais de Thetis

São muito importantes os estudos realizados por Maria Thetis Nunes em torno dos intelectuais. Recompilar suas trajetórias, seus lugares, suas intervenções na cena cultural e política pode ensejar uma compreensão mais acurada dos processos, mediante os quais foram cotejados e postos em disputa padrões de formação da vida social. A obra da professora Thetis tem se debruçado sobre um grande número de intelectuais que, de diferentes origens, acadêmicas e profissionais, deram suporte à vida cultural brasileira. Os intelectuais estudados por

esta autora marcaram a vida de Sergipe e do Brasil.

É evidente que toda a sua produção bibliográfica está pontuada pela presença de intelectuais e do diálogo que a autora mantém com estes. É muito grande, portanto, o destaque que tem na obra de Maria Thetis Nunes o estudo da intelectualidade, uma vez que, estatisticamente, sem valorar a produção e computando-se apenas título por título, esse tipo de trabalho representa metade da produção da autora. A partir da sua posição no Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, ela publicou inúmeros livros e artigos sobre uma ampla diversidade



A historiadora Maria Thetis Nunes sendo homenageada nos 138 anos de existência do Colégio Estadual Atheneu Sergipense, em 2008.

de temas do campo, tornando-se referência obrigatória aos estudos sergipanos da área. Como ela, seus herdeiros assumiram a teoria marxista. Por contraditório que possa parecer, o conjunto de estudos realizados por Maria Thetis Nunes sobre intelectuais leva à reflexão a respeito do papel que o indivíduo exerce na história. Thetis, certamente, valoriza a importância do sujeito/indivíduo.

Como lembra Vavy Pacheco Borges, “os problemas de interpretação de uma vida são riquíssimos, pois nos defrontam com tudo que constitui nossa própria vida e as dos que nos cercam. Num círculo vicioso, exigem de nós autoconhecimento e preocupação com a compreensão dos outros seres humanos; mas, ao mesmo tempo, podem acabar por reforçar em nós tudo isso”.

Ao estudar a trajetória dos intelectuais, é necessário compreender as pressões sociais que atuam sobre o indivíduo. Este é um esforço presente nos estudos de Thetis Nunes. Não basta apenas produzir uma narrativa histórica, mas, como faz a autora, de certa maneira, é necessário também elaborar um modelo teórico. Ela busca apreender na estrutura os modos através dos quais a sociedade atua no indivíduo, uma vez que, como entende, mesmo sendo autônomo, o intelectual está subordinado a tal estrutura, posto ser simplesmente impossível para uma pessoa ter uma propensão natural geneticamente enraizada de fazer algo.

O conjunto de estudos realizados por Maria Thetis Nunes é constituído principalmente por artigos publicados em revistas científicas e jornais. Sem dúvida, jornais e revistas são as principais publicações periódicas, veículos importantes para a difusão e legitimação do discurso dos intelectuais. O jornal é veículo rápido de notícias; a revista, menos sujeita às contingências da rapidez e mais adequada para refletir diferentes aspectos da vida cultural e atender

“
Creio na marcha da História, no devenir, no advento de um mundo mais justo e mais humano. Apesar de ter vivido parte da minha vida sob dois regimes ditatoriais, cultuo a liberdade.

a interesses específicos. Mas, há, também, trabalhos em anais de eventos científicos dos quais ela participou, e onde divulgou parte dessa produção, além das separatas que produziu. A maior parte dessas histórias de vida apresentadas por Maria Thetis se pautou em dados que, invariavelmente, incluem data e local de nascimento, filiação, prole, formação educacional, profissão, exercício de funções públicas e morte.

Em Thetis Nunes, os estudos sobre intelectuais cumpriram di-

versos papéis. Dentre eles, o de celebração de uma memória que criou vínculos de identidade entre os pesquisadores do tempo presente e autores e obras que atuaram sobre o passado. A partir da discussão que Thetis Nunes fez com e sobre os seus intelectuais, emergiram problemas que concernem à historiografia, à teoria da história que orienta a sua produção. Nos seus intelectuais, a autora buscou os sentidos da experiência histórica e da vivência dos homens que analisou. Ao verificar essa experiência, ela trabalhou o sentido da construção de um passado glorioso para Sergipe e os seus intelectuais, tentando demonstrar os momentos nos quais intelectuais sergipanos se puseram à frente dos seus pares de outras regiões do Brasil. Foi explícita em relação a esse tipo de problema ao falar de Tobias Barreto e da defesa que fez este autor em relação aos direitos da mulher, e também quando apresentou o trabalho do historiador e político Felisbello Freire. Neste último, afirmou que o regimento da instrução pública aprovado por aquele governante do Estado de Sergipe, no período republicano, antecipou a reforma Benjamin Constant, implementada posteriormente a partir do Rio de Janeiro, a capital da nascente República. Esta era uma discussão ao gosto da historiadora Maria Thetis Nunes: a polêmica a respeito do pertencimento das ideias e a busca incansável das novidades nascidas na periferia. **G**



É muito grande o destaque que tem na obra de Maria Thetis Nunes o estudo da intelectualidade.



MEMÓRIAS DE IBIÚNA

João Augusto Gama da Silva

Breve relato da prisão de líderes estudantis sergipanos pela ditadura militar, durante o Congresso Estudantil de Ibiúna – 1968.



Depois que a ditadura militar colocou a União Nacional dos Estudantes na ilegalidade, a UNE foi reorganizada em 1966, durante um congresso realizado clandestinamente na cidade de Belo Horizonte. Assim, em 1967, os estudantes intensificaram as manifestações contra a ditadura. Do mesmo modo, cresceu a pressão de grupos de direita contrários à reorganização do movimento estudantil brasileiro. No ano de 1968, portanto, o Congresso de Ibiúna se realizava sob a tensão política brasileira e, ao mesmo tempo, embalado pelo clima libertário que se observava na juventude estudantil de vários outros países, como a França, onde as rebeliões de Paris chamaram a atenção do mundo inteiro;

ou os Estados Unidos da América, onde os estudantes se reuniram em Washington, para exigir o fim da guerra do Vietnã.

Durante o Congresso de Ibiúna, Sergipe teve uma numerosa representação de delegados. As tratativas para a participação dos estudantes que representavam Sergipe foram feitas através dos contatos com José Carlos Novais da Mata Machado, diretor da UNE, responsável pela relação da entidade com os líderes estudantis sergipanos. Foi ele quem forneceu a senha para que os sergipanos chegassem a Ibiúna. Hoje, eu estou convencido que o Congresso foi um grande erro histórico de avaliação política.

À época, eu presidia o Diretório Central dos Estudantes da

Universidade Federal de Sergipe e liderei, juntamente com Wellington Manguiera, uma delegação de 10 sergipanos, com os seguintes integrantes: João Augusto Gama da Silva, Benedito de Figueiredo, Wellington Dantas Manguiera Marques, Antonio Vieira da Costa, José Alves do Nascimento, João Bosco Rollemberg Cortes, Janete Correia de Melo, José Jacob Dias Polito, Elza Maria dos Santos e Laura Maria Tourinho Ribeiro. A maior parte dos delegados de Sergipe era de filiados ao MDB e militantes do Partido Comunista Brasileiro, que votavam em José Dirceu para presidir a entidade. Nós viajamos de Aracaju a São Paulo e de lá para São José dos Campos, onde fizemos um contato, rumando, em seguida, para Ibiúna.

A viagem se tornou viável com a ajuda financeira que recebemos do industrial Joaquim Sabino Ribeiro Chaves, proprietário da Fábrica de Tecidos Confiança, do deputado Jaime Araujo e do arcebispo de Aracaju, Dom José Vicente Távora. Também foi importante a campanha de arrecadação de fundos, organizada pelos estudantes, respaldada pelo manifesto que os universitários sergipanos publicaram:

A realização do XXX Congresso representou mais um passo dado na luta do estudante brasileiro contra as forças de opressão, de obscurantismo e do reacionarismo. Esse era um momento em que a ditadura mostrava sua verdadeira face, tentando impor uma Universidade a serviço de imperialismo norte-americano

através de uma universidade alienada e empresarial, reprimindo a luta dos trabalhadores por melhores salários, permitindo a venda do território nacional a norte-americanos, dando cobertura ao grupo de entreguistas, sob o comando do Sr. Roberto Campos que abertamente lutava, inclusive, pela extinção do monopólio estatal do petróleo.

Realizado na clandestinidade, o Congresso foi descoberto pelos agentes da ditadura. Todos os delegados foram presos no dia 12 de outubro e conduzidos para o Presídio Tiradentes, na cidade de São Paulo. Ficamos detidos de oito a 10 dias. Alvarim Manguiera, pai de Wellington Manguiera, foi a São Paulo acompanhar a libertação dos estudantes. A defesa dos delegados de Sergipe

foi feita por Oswaldo Catan e Adalberto Macedo, ambos advogados influentes com atuação em São Paulo. Em depoimento que deu ao professor Jorge Carvalho, em agosto de 2008, Benedito de Figueiredo conta que logo após a saída de Ibiúna, dentro do ônibus que nos conduzia para o Presídio Tiradentes, lembrou que estava com sua carteira de funcionário do Ministério do Trabalho, onde era auxiliar de datiloscopista, e a jogou fora, temendo ser identificado como servidor público, posto que, em tal situação, seria considerado um preso muito perigoso.

Cerca de 900 estudantes foram presos, inclusive as principais lideranças estudantis brasileiras: José Dirceu, presidente da UEE de São Paulo; Luís Travas-



CONGRESSO DA UNE: TODOS PRESOS



Cerca de mil estudantes que participavam do XXX Congresso da UNE, iniciado clandestinamente num sítio, em Ibiúna, foram presos ontem pela manhã por soldados da Força Pública e policiais do DOPS. Toda a liderança do movimento universitário foi presa: José Dirceu, presidente da UEE, Luís Travassos, presidente da UNE, Vladimir Palmeira, presidente da União Metropolitana de Estudantes, e Antonio Guilherme Ribeiro Ribas, presidente da União Paulista de Estudantes Secundários, entre outros. Estes foram levados diretamente ao DOPS e os demais foram recolhidos ao presídio Tiradentes.

sos, da UNE; Vladimir Palmeira, da União Metropolitana dos Estudantes do Rio de Janeiro; Antonio Guilherme Ribeiro Ribas, da União Paulista dos Estudantes Secundaristas. Estes foram levados diretamente para o DOPS.

Presos, os estudantes fizeram greve de fome, como forma de pressionar o Governo a libertar o grupo o quanto antes. Muitos, oriundas de diferentes estados brasileiros, se concentravam diariamente às portas do Presídio Tiradentes, ao lado de jornalistas da imprensa nacional e estrangeira, denunciando a arbitrariedade das prisões e exigindo a libertação dos filhos. Eles foram soltos, em São Paulo, cerca de 15 dias após a realização das prisões. Sergipe foi um dos poucos estados no qual o governador não articulou a sua Polícia Militar para recolher os estudantes presos e transportá-los de volta. Por isto, os estudantes sergipanos foram entregues ao advogado Adalberto Macedo, com a garantia dada por este de que os encaminharia às respectivas famílias, em Aracaju. Todos os estudantes dormiram no apartamento do advogado e, no dia seguinte, começaram a viajar de volta para o estado de Sergipe.

Em função do Congresso de Ibiúna, os estudantes sergipanos responderam a processo na Auditoria Militar do Estado da Bahia, assistidos pela advogada Ronilda Noblat. O processo dos estudantes sergipanos foi julgado alguns anos depois pela Auditoria Militar do Estado da Bahia. Naquele pe-

ríodo, José Carlos Teixeira, acompanhado de Alvarim Manguera e Laura Ribeiro Marques, buscou o comandante do 28º BC em sua residência, para solicitar informações sobre a situação processual dos estudantes sergipanos e informá-lo de que faria o acompanhamento dos fatos, comunicando tudo ao Congresso Nacional.

Na prática, as prisões de Ibiúna encerraram o período mais forte das manifestações estudantis no Brasil, mas contribuíram para fortalecer as organizações clandestinas que atuavam na luta armada.

Após a edição do Ato Institucional Nº 5 (AI-5), em dezembro de 1968, alguns estudantes processados em Ibiúna foram outra vez levados à prisão, em Sergipe, onde permaneceram durante 35 dias. Todavia, os estudantes que eram funcionários públicos, como Benedito de Figueiredo e Antonio Vieira da Costa foram libertados no 29º dia de prisão, uma vez que se completassem o 30º dia, as respectivas repartições abririam inquérito administrativo para apurar o abandono de serviço e demiti-los, o que poderia se transformar em rumorosos processos judiciais nos quais eles denunciariam as prisões arbitrárias e ilegais. Benedito de Figueiredo relata que, de qualquer maneira foi forçado a pedir demissão, porque eles não lhe pagaram os 29 dias e o ambiente que se criou na Delegacia Regional do Trabalho ficou muito tenso e difícil para ele.



Dentre as principais lideranças estava José Dirceu (camisa listrada), presidente da UEE de São Paulo.



Os estudantes detidos no Congresso da UNE em Ibiúna (SP), em 1968.



O presídio Tiradentes foi criado em 1852, e todo o complexo foi demolido a partir de 1973, durante a construção do metrô.



Diante do presídio Tiradentes, mães de estudantes fazem protesto contra a prisão de seus filhos.

Outras lideranças estudantis que não compareceram ao congresso de Ibiúna foram presas, como Mário Jorge Menezes e Dilson Menezes Barreto. Em 1997, Ibarê Dantas publicou o quadro reproduzido abaixo, contendo os nomes dos indiciados em Inquérito, como decorrência dessas prisões:

ESTUDANTES DE SERGIPE INDICIADOS EM IPM - AUDITORIA DA 6ª RM - 1969/70

1. NOME: Ancelmo Resende Góis - PROFISSÃO: Jornalista
2. NOME: Antonio Carlos Mendonça - PROFISSÃO: Estudante da Escola Técnica do Comércio
3. NOME: Antonio Vieira da Costa - PROFISSÃO: Estudante de Economia
4. NOME: Benedito Figueiredo - PROFISSÃO: Estudante de Direito
5. NOME: Elze Maria dos Santos - PROFISSÃO: Estudante de Serviço Social
6. NOME: Jackson de Sá Figueiredo - PROFISSÃO: Estudante de Direito
7. NOME: Janete Correia de Melo - PROFISSÃO: Estudante de Letras
8. NOME: João Augusto Gama da Silva - PROFISSÃO: Estudante de Direito
9. NOME: João Bosco Rolemberg Côrtes - PROFISSÃO: Estudante de Serviço Social
10. NOME: José Alves Nascimento - PROFISSÃO: Estudante de Medicina
11. NOME: José Jacob Dias Polito - PROFISSÃO: Estudante de Química
12. NOME: Laura Maria Tourinho Ribeiro - PROFISSÃO: Estudante de Filosofia
13. NOME: Mário Jorge Menezes Vieira - PROFISSÃO: Estudante de Direito
14. NOME: Otoniel da Silva Vieira Neto - PROFISSÃO: Estudante de Direito
15. NOME: Oziel Dórea de Carvalho - PROFISSÃO: Arquiteto
16. NOME: Wellington Dantas Mangueira Marques - PROFISSÃO: Estudante de Direito

Fonte: Relação dos Estudantes de Sergipe Indiciados em Inquérito Policial Militar na Auditoria da 6ª R.M. como Incurso no artº 39, nºs I, II, III, IV e VI do Dec-Lei nº 510/69, combinado com o art. 44 da Lei de Segurança Nacional, Salvador/BA, 6ª RM. Cf. Ofício de 27.02.70. Documento em poder do PDPH da UFS.



Wellington Mangueira

A juventude, os intelectuais, trabalhadores de um modo geral, estavam vibrando, entusiasmados com a luta desenvolvida em torno de questões de importância central para a nação. O Brasil estava se descobrindo e provando, para nós mesmos e para o mundo, a sua grandeza.



Benedito Figueiredo

Eu não fui torturado fisicamente, fui torturado psicologicamente, mas o medo fazia parte do nosso dia a dia, meu e da minha família... Você fica ao sabor dos outros, redundantemente, ao humor dos militares da época, que infernizaram este País e ficaram tantos anos no poder.

Em março de 1969, todos os estudantes envolvidos tiveram cassados os direitos de participação política estudantil, por imposição da Sexta Região Militar ao reitor João Cardoso do Nascimento Junior. A relação desses alunos, em quadro abaixo reproduzido, também foi publicada por Ibarê Dantas, em 1997:

PRIMEIRA RELAÇÃO DOS ESTUDANTES DE SERGIPE PARA SEREM PUNIDOS - 1969

1. NOME: Antonio Jacintho Filho - CURSO: Direito
2. NOME: Benedito Figueiredo - CURSO: Direito
3. NOME: Carlos Cleber Nabuco Teixeira - CURSO: Direito
4. NOME: Elias Hora Espinheira - CURSO: Direito
5. NOME: Jackson Barreto Lima - CURSO: Direito
6. NOME: Jackson de Sá Figueiredo - CURSO: Direito
7. NOME: João Augusto Gama da Silva - CURSO: Direito
8. NOME: João de Deus Góes - CURSO: Direito
9. NOME: Jonas da Silva Amaral Neto - CURSO: Direito
10. NOME: José Anderson Nascimento - CURSO: Direito
11. NOME: José Sérgio Monte Alegre - CURSO: Direito
12. NOME: Josefa Laurindo Novais - CURSO: Direito
13. NOME: Mário Jorge Menezes Vieira - CURSO: Direito
14. NOME: Moacir Soares da Mota - CURSO: Direito
15. NOME: Otoniel da Silva Vieira Neto - CURSO: Direito
16. NOME: Paulo Perrucho Nou - CURSO: Direito
17. NOME: Wellington Dantas Mangueira - CURSO: Direito
18. NOME: Antonio Vieira da Costa - CURSO: Economia
19. NOME: Dilson Menezes Barreto - CURSO: Economia
20. NOME: Laura Maria Tourinho Ribeiro - CURSO: História
21. NOME: Elvidina Macedo de Carvalho - CURSO: Letras
22. NOME: Janete Correia de Melo - CURSO: Letras
23. NOME: Hélio Araujo Oliveira - CURSO: Medicina
24. NOME: Ilma Mendes Fontes - CURSO: Medicina
25. NOME: José Alves Nascimento - CURSO: Medicina
26. NOME: José Côrtes Rolemberg Filho - CURSO: Medicina
27. NOME: Maria Janete Sá Figueiredo - CURSO: Medicina
28. NOME: Francisco Carlos Nascimento Varela - CURSO: Química
29. NOME: José Jacob Dias Polito - CURSO: Química
30. NOME: Elze Maria dos Santos - CURSO: Serviço Social
31. NOME: Hendricks Johannes Sprakel - CURSO: Serviço Social
32. NOME: João Bosco Rolemberg Côrtes - CURSO: Serviço Social

Fonte: Cf. Ofício nº 24/E/2 de 13.02.1969 do General-de-brigada Abdon Senna, Comandante da 6ª Região Militar ao Reitor da Universidade Federal de Sergipe. In: Arquivo da família Flores Cardoso e Portaria nº 29 de 01.03.1969 da Reitoria da UFS, assinada por João Cardoso Nascimento Junior.



João Augusto Gama

Matou-se em nome do estado brasileiro e se usou o aparelho estatal brasileiro para matar. Esse é o crime hediondo, é esse o crime que a humanidade não pode perdoar. Não se pode permitir que em seu nome se torture e mate. Esses crimes não podem prescrever, porque são crimes contra a humanidade.



Bosco Rolemberg

Ainda sofro quando lembro de alguns momentos dramáticos por que passamos, mas o que conforta é ver a evolução social que temos hoje, onde todos podem expressar seu pensamento, divergir do projeto político vigente e eleger seus representantes sem ser perseguido, ter sua liberdade cerceada, nem ser violentado!

“A UNE SOMOS NÓS! NOSSA FORÇA, NOSSA VOZ!”

Um grito da juventude pela liberdade

João Bosco Rollemberg Cortes

Vivíamos um cenário internacional de guerra fria, onde a disputa entre os blocos pós-guerra era acirrada em cada continente, em cada país.

No Brasil, as forças conservadoras sempre se alinharam subalternamente aos EUA. Os reacionários sempre realizaram intervenções militares golpistas contra os ciclos progressistas. Ainda hoje agem assim.

Era a fase da escalada do terror, para consolidação de um regime militar sanguinário, fascizante.

Correntes políticas e especialmente a juventude compreendiam a necessidade de ampliar a resistência e aprofundavam a decisão, convicção, determinação de enfrentá-la.

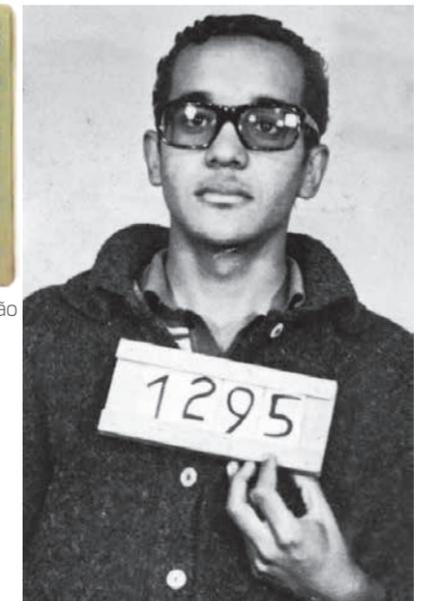
O movimento estudantil travava intenso debate político ideológico sobre os caminhos, as formas e a perspectiva de luta contra a ditadura.

A crítica ao pacifismo do PCB resultou no surgimento de diversas organizações. A relação entre a luta no campo e na cidade, a concepção de guerra, o papel das classes sociais, a definição dos objetivos estratégicos e táticos, tudo estava em debate.

Como membro da Ação Popular (AP) de formação católica de



A carteirinha de estudante do sergipano João Bosco Rollemberg, ao lado, segurando sua numeração na prisão.



esquerda, disputava no movimento universitário em Aracaju com as forças polarizadas pelo PCB.

Em Ibiúna estavam as principais referências nacionais da UNE disputando a hegemonia: Travassos (AP) e Dirceu e Vladimir Palmeira de correntes dissidentes oriundas do PCB, buscando articular as reivindicações imediatas dos universitários à luta política de resistência ao arbítrio.

Que belo momento de luta pela liberdade! Que lição pelo fortalecimento da consciência democrática!

Às vezes à noite, ao deitar, ainda escuto o canto da delegação sergipana na cela do Presídio Tiradentes: “Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós...”. □

“Às vezes à noite, ao deitar, ainda escuto o canto da delegação sergipana na cela do Presídio Tiradentes: “Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós...”.

Há outro quadro, também publicado por Ibarê Dantas, contendo uma relação complementar com os nomes de mais cinco estudantes a serem punidos pela Reitoria da Universidade Federal de Sergipe, elaborada em janeiro de 1970 pelo brigadeiro Armando Tróia, diretor da Divisão de Segurança e Informação do Ministério da Educação e Cultura:

SEGUNDA RELAÇÃO DOS ALUNOS DE SERGIPE A SEREM PUNIDOS - 1970

1. NOME: Paulo Afonso de Almeida - PROFISSÃO: Jornalista
2. NOME: Júlio César Régis Dantas - PROFISSÃO: Serviço Social
3. NOME: Sílvio Santana Filho - PROFISSÃO: Direito
4. NOME: Zenaide Rosa Sobral - PROFISSÃO: Geografia
5. NOME: José Ibarê Costa Dantas - PROFISSÃO: História

Fonte: Ofício nº 001/SV/DSIEC/70 de 07.01.1970 do diretor da Divisão de Segurança e Informações, brigadeiro Armando Tróia, diretor do DSIEC, ao magnífico reitor da Universidade Federal de Sergipe. In: Arquivo da família Flores Cardoso. Há cópia no arquivo do PDPH da UFS.

A estratégia do reitor João Cardoso Nascimento Junior nesse processo era a de ganhar tempo. Ele estava muito pressionado pelos militares da Sexta Região para expulsar os estudantes da Universidade. Estrategicamente, solicitou deles uma ordem por escrito, dizendo que cumpriria a determinação. Mas os militares continuaram pressionando verbalmente e ele resolveu não fazer a expulsão, publicando, todavia, um ato que os impedia de exercer atividade política estudantil, como forma de conter a pressão militar. Na prática, isso não significava nada. Todos eles continuaram estudando e fazendo regularmente os seus cursos. Apenas perderam os mandatos de dirigentes do DCE. No dia oito de dezembro de 1968, para escândalo da ala mais conservadora da sociedade, durante a solenidade de colação de grau do curso de Direito, no auditório

do Instituto Histórico, recebi do reitor João Cardoso convite para sentar à mesa como presidente do Diretório Central dos Estudantes. Isso causou um mal-estar muito grande entre as autoridades militares. Todos estes fatos demons-

“Na prática, as prisões de Ibiúna encerraram o período mais forte das manifestações estudantis no Brasil, mas contribuíram para fortalecer as organizações clandestinas que atuavam na luta armada.”

tram o espírito liberal e aberto do médico João Cardoso, uma figura que tem sido esquecida na História de Sergipe, principalmente pelas autoridades da Universidade Federal. Coincidentemente, poucos dias depois da edição do AI-5, o Diretório Central, cujo prédio havia sido inaugurado com a presença do próprio reitor, foi invadido pela Polícia Federal e os seus documentos foram apreendidos.

Ainda como consequência do Ato Institucional Nº 5, foram presos os estudantes Elias Hora Espinheira, José Sérgio Monte-Alegre, Paulo Perrucho Nou, Francisco Carlos Nascimento Varela, Otoniel da Silva Vieira, Ancelmo Rezende Góis, Antonio Carlos Mendonça e o arquiteto Oziel Dórea de Carvalho. Houve ainda aqueles, como Mário Jorge Menezes Vieira e Moacir Soares da Mota, que foram procurados, mas não localizados. □



Quando Mataram **PITITÓ**

Luiz Eduardo Costa

Nos anos cinquenta e começo da década dos sessenta, do século XX, quando findou-se sua breve existência, Pititó era, em Sergipe, nome pronunciado com o recato que se tem ao verbalizar palavras que nos metem medo. E Pititó metia medo, muito medo, na polícia, inclusive.

Filho de um pecuarista que se tornou usineiro, Pedro Ribeiro, homem honrado que fez fortuna com muito trabalho, Pititó receberia a mesma educação dos irmãos e irmãs mandados a estudar internos em bons colégios de Aracaju. Mas as carteiras escolares lhe foram incômodas, nelas não conseguia sentar-se sem pensar na sela de um cavalo, onde acomodava-se seguro e dominador, lidando com gado, despejando-se nas correrias pelos pastos. Com a mesma destreza como cavalgava e derrubava bois, passou a manejar revólveres, pistolas, espingardas, e rifles. Sua pontaria era excepcional. Sobre um cavalo a galope, dis-

parava tiros sucessivos em garrafas de cerveja colocadas ao longo da corrida, e em quase todas acertava.

Gênio impulsivo e violento, desentendia-se facilmente, e era muito sensível a qualquer coisa que pudesse interpretar como ofensa. Matou o primeiro e não parou mais. Vivia entre as fazendas do pai, a usina Várzea Grande em Capela, os bares e os cabarés de Aracaju. Não tinha pistoleiros a acompanhá-lo como guardacostas. Quase sempre, sentava-se a um canto, de costas para a parede, e parecia elétrico. Poucos costumavam fazer-lhe companhia, mas, quem chegasse à sua mesa, ele recebia com amabilidades de

Gênio impulsivo e violento, desentendia-se facilmente, e era muito sensível a qualquer coisa que pudesse interpretar como ofensa. Matou o primeiro e não parou mais.

um *gentleman*. Não fosse a fama, ninguém imaginaria que ali pudesse, a qualquer momento, despertar uma fera. A cabeça rodava de um lado para outro, como se estivesse tentando localizar alguma coisa ao seu redor, enquanto acariciava, tanto as prostitutas que o cercavam, como o revólver 38 e a pistola 9 milímetros que carregava na cintura, ao alcance das duas mãos. E a volúpia em cada caso parecia ser a mesma. Atravessado às costas, por baixo da camisa, tinha um punhal.

Cumpria sempre um invariável roteiro entre os cabarés Shangay, Shell, Mira-Mar, e terminava

a noite no Brahma Bar, comendo filé com fritas. Tanto aqueles cabarés como o bar da madrugada eram frequentados assiduamente por policiais, alguns com fama de violentos, mas Pititó nunca era incomodado. Poderia, tudo isso, configurar uma prosaica existência boêmia, não fosse pontilhada por enfrentamentos, nos quais, a rapidez no gatilho, a precisa pontaria e a frieza de Pititó iam fazendo dele um homem cada vez mais temido e também odiado por muitos. Pititó não era um pistoleiro no sentido comum da palavra. Não alugava o seu braço para matar, nem pagava a pistoleiros para que matassem. Quando Leandro Maciel assumiu o governo, o seu Secretário da Segurança Pública, Heribaldo Vieira, entendeu que Pititó era uma ameaça que precisava ser contida, e a polícia começou a caçá-lo depois que a Justiça contra ele emitiu uma ordem de prisão.

Havia quem identificasse, por trás daquela súbita mudança de comportamento da polícia, motivações marcadamente políticas, porque o usineiro, pai de Pititó, era ami-

go e eleitor de líderes pessedistas, que haviam perdido o governo, derrotados pelos udenistas.

Pititó passou a viver em Serra Negra, sob a proteção de João Maria de Carvalho, e, dizia-se, mais ainda, do seu irmão, o general de exército Liberato Carvalho, homem que caçou o bando de Lampião, participou da revolução de 30, e era fraternal amigo do poderoso tenente Juracy, vice-rei da Bahia. Tendo suspeitado, certa vez, que Pititó poderia estar na usina Várzea Grande, do seu pai Pedro Ribeiro, uma volante policial foi organizada para ir prendê-lo. Não o encontrando, depredaram a casa grande, metralharam paredes, portas, janelas, móveis, até cachorros, gatos e um infeliz papagaio. O louro,



talvez primeiro e único a ser alvo das metralhadoras, ficou destrocado num monte de penas verdes sobre o ladrilho branco ensanguentado da imensa cozinha. Depois, outra volante policial, dessa vez recheada com muitos pistoleiros famosos, atravessou as caatingas sergipanas e baianas, para ser surpreendida por Pititó à frente de um pequeno grupo. A volante retornou desfalcada e desmoralizada a Aracaju.

Depois disso, correu a notícia de que uma outra e mais poderosa volante seria mandada a Serra Negra, dessa vez, para matar Pititó, decepar-lhe a cabeça, que deveria ser trazida a Aracaju como troféu e prova definitiva de que o temido homem estava mesmo morto. Quando soube que a volante estava prestes a ser despachada para a macabra empreitada, Pedro Ribeiro colocou na camionete Fargo que costumeiramente usava, uma metralhadora Thompson e foi à casa do amigo e compadre, o jornalista e promotor público Paulo Costa. A conversa não foi longa, mas foram muitos os fumarentos charutos que nervosamente Pedro Ribeiro consumiu em tão pouco tempo. Disse que não tinha dúvidas de que o seu filho seria morto violentamente, pelo modo de vida que ele escolhera, e que a Justiça e a polícia cumpriam o seu papel ao tentar prendê-lo, mas não admitiria que depois de morto lhe decepassem a cabeça. Se isso acontecesse, ele se consideraria ofendido como pai, e teria de usar a metralhadora contra as autori-

dades responsáveis pela ordem de decapitação. Sabia que seria morto, e pedia ao amigo que cuidasse de fazer cumprir o inventário que ele já teria feito e assinado. Paulo Costa pediu-lhe calma, enquanto tentaria fazer proveitosos contatos. Conversou com algumas pessoas, narrou o ato de desespero que o pai cometeria, caso Pititó tivesse cortada a cabeça.

A volante não se deslocou para o sertão. Tempos depois, Pititó voltou a aparecer em Aracaju, no interior, envolveu-se em

Pititó não era um pistoleiro no sentido comum da palavra. Não alugava o seu braço para matar, nem pagava a pistoleiros para que matassem.

novas refregas sangrentas, matou um policial, e aí tornou-se inimigo número um da polícia militar, que decidiu exterminá-lo. Uma patrulha comandada pelo sargento Sobral o surpreendeu num cabaré em Carmópolis. Ele foi atingido por vários tiros de revólver e fuzil; o irmão, Pempo, que estava com ele, conseguiu fugir. Pititó cambaleou até a porta e caiu no meio da rua, agonizando, mas investindo contra os policiais, tentando retirar das costas o seu

inseparável punhal. Os soldados o cercaram e dispararam vários tiros à queima-roupa, até se certificarem de que ele estava efetivamente morto. Por esse tempo, Pedro Ribeiro já se desfizera da metralhadora Thompson. Acontecera o que ele esperava, e até considerava normal, diante da vida e da fama do filho morto.

O velório foi realizado na casa da família, aquele casarão na esquina de Gerú com Santo Amaro, onde hoje funciona a Federação da Agricultura. A família Ribeiro sempre teve poder, posses e muita influência política. O usineiro Pedro Ribeiro era meio irmão do ex-deputado estadual Rosendo Ribeiro e do ex-prefeito de Lagarto, Jose Raimundo Ribeiro, o Cabo Zé. Nem o pai, nem os tios, nem os irmãos, Idélio e Pempo, imaginaram qualquer forma de vingança, admitindo que quem escolhe a violência, sempre terá um fim violento e isso era o que todos esperavam que acontecesse com Pititó.

Os policiais que mataram Pititó continuaram sossegados em relação à vida deles. O sargento reformado da PM, Sobral, que comandou a patrulha, bem idoso, vive hoje cuidando de uma pequena propriedade em Canindé do São Francisco. Recebe quem chega à sua acolhedora casa, no povoado Capim Grosso, com uma xícara de café bem quente, servido pela sua atenciosa esposa. Porém, é preciso vencer-lhe uma enorme resistência para que ele admita lembrar daquele episódio em Carmópolis. **G**





O camaleão de Simão Dias

Igor Bacelar

Primeiro ele veio com a “Mangaba Madura”, em 2001, mais de uma década depois de ter iniciado sua carreira como artista. O título do registro foi uma brincadeira com as qualidades deste fruto bastante regional, que quando maduro tem qualidades medicinais e quando verde é tóxico.

Em 2006, depois de um hiato de cinco anos, ele deu vida à “Aquarela pra Pandeiro” (para quem não sabe, aquarela é uma técnica de pintura na qual se diluem várias tintas na água). Após um longo intervalo de sete anos, agora em 2014, ele publicou o seu mais novo trabalho: “José”. Sua capa traz um registro fotográfico antigo dele mesmo e alguns familiares, composto marcadamente pelas cores primárias azul, vermelho e amarelo.

A mudança de cores, se não for a mais importante ferramenta do camaleão, é sem dúvida a que mais o caracteriza. José Lucivaldo Carvalho Silveira, Nininho Silveira, Nino Karva e

finalmente, Nino Karvan. Vários nomes, várias caras, expressadas explicitamente em seus trabalhos artísticos. Todos eles representando a diversidade de cores como o seu protagonista. Seja por meio da versatilidade de estilos nos quais Nino desfila tranquilamente, seja através da naturalidade com que cantarola os seus versos multiplurais.

As cores e Nino são parceiros desde sua estreia em um festival nos anos 80, quando tinha apenas 17 anos. Nessa ocasião, ganhou o primeiro lugar com a composição “a cor linda que incomoda”, que tratava da opressão aos negros. Isso durante o centenário de abolição da escravatura.

HÁ QUE SE FALAR DAS MARAVILHAS E DAS MAZELAS

Na canção “Ribeira” do “Aquarela pra Pandeiro”, registro inteiramente influenciado pelo xote, xaxado e baião, por exemplo, o cabra consegue, de forma extremamente fácil, dizer que “o anarquismo nunca rimou com bagunça e ele apenas desaruma o estado que é ruim; e a burguesia dá o golpe e se apruma metendo chute na bunda do leitor de Bakunin”. Isso sem soar proselitista ou forçado. Inclusive, nesta canção digladiam duas questões quase que antagônicas em sua visão de mundo: o amor e a luta de classes.

“Eu não acredito mais em luta de classes, acredito que o mundo só pode ser mudado com amor e não com conflito”, afirmou o cantador. “A revolução historicamente já provou que só traz mais ódio, ditadura, pós-revolução. Pra manter a hegemonia do poder de um partido que se diz a vanguarda revolucionária, e que a revolução passa a tender a uma cúpula, e o povo passa a ser sempre rebanho nessa revolução. Não! Eu quero um povo consciente das suas obrigações, dos seus direitos e deveres e que cada um se sinta por si só um agente dessa transformação, dessa revolução que tem que ser universal (sic)”, explica.

O simãoense foi membro fundador do Partido dos Trabalhadores (PT) em Simão Dias. Militou por toda a

sua juventude, já foi presidente do partido, candidato a vereador... Obra e vida parecem sempre ter caminhado lado a lado de Nino, já que grande parte de suas composições aborda certas contradições da vida contemporânea. Ele mescla o seu eu bastante arraigado às suas origens interiores, e essa relação com a liquidez dos fenômenos sociais.

Este espírito de militância, que pode ter acabado no que se refere ao campo de atuação política, perdura, ainda hoje, de outra forma. Há de se convir que para ser um artista autoral, especialmente no Estado de Sergipe, com os pés chafurdados em uma

caudalosa moqueca de indiferença congênita, é preciso militar. Militar só.

Uma punheta rançosa, sem estímulo. É você e sua ressaca moral dançando sob um sol escaldante (descalço) em um chão forrado de brita. Se der sorte, você pode até conseguir gozar. Sorrindo em êxtase com a palma das mãos sujas e sebosas.

Para Nino, que percorreu quase três décadas deste cenário nefasto, praticamente nada mudou no que se refere às oportunidades para a música autoral. O mercado permanece incipiente e em desvantagem estrutural em relação a outras realidades ao redor do país, o que não quer dizer que a produção daqui deixe a desejar. A propósito, a bandeira antropofágica da primeira “colcha de retalhos” (é assim que ele se refere a dois de seus álbuns), o “Mangaba Madura”, é a de que “havia certa maturidade na pro-

dução sergipana a ponto de nós termos orgulho de consumi-la”.

E nesta era de convergência digital, com a corrente reconfiguração da indústria cultural diante da “democratização” dos meios de comunicação, é nítido observar a fertilidade das mentes criativas locais através de trabalhos cada vez mais lapidados e concisos. A ausência de uma economia pujante na cadeia produtiva tem servido como um catalisador nesse processo, meio que a contragosto.

Segundo Nino, já que a instituição do Estado ainda existe, ela tem uma dívida muito grande com o incentivo à produção cultural, mas também a iniciativa privada tem sido negligente na contribuição para o enriquecimento emocional, espiritual e mental das pessoas.

COMO O SAMBA ESTÁ PRO SOM DO PANDEIRO

Como eu já havia mencionado nestas laudas, “José” é o mais recente material publicado por Nino Karvan. De todos, é o mais bem produzido, sofisticado, com temática e arranjos mais sólidos e o mais bem amarrado, apesar de o registro englobar influências sonoras que transitam desde a infância do compositor até os atuais 45 anos. Porém, essa miscelânea estética faz parte de sua índole criativa e está muito longe de ser um sinal de indefinição. “José” levou sete anos para ser concebido. Um período deveras penoso para um compositor inventivo como ele é. Atualmente, para terem uma noção, o músico compõe de um a dois sambas por se-

mana. Um ano tem 52 semanas. Façam suas projeções!

Todo esse enérgico impulso laboral parece buscar alento por todos os cantos em diversas áreas da expressão artística, já que Nino é também comunicador, musicoterapeuta, *luthier*, artista plástico, etc. A música assumindo sempre um papel central.

E foi em 2013, quase que acidentalmente, num papo com o percussionista, baterista e produtor musical Dudu Prudente, que Nino se convidou para participar do que veio a ser um de seus mais audaciosos projetos: “Anavantou!”

“Anavantou!” é a miscigenação do grupo instrumental sergipano “Membrana” que conta com as participações do pesquisador e maestro Pedrinho Mendonça, o virtuoso gaitista Júlio Rego (parceiro de longa data



Em 2005, **Nino Karvan** leva ao palco Luiz Gonzaga o show Mangaba Madura.

Foto: Wellington Barreto



de Nino) e Dudu Prudente, em junção com um grupo de música instrumental belga chamado Turdus Philomelos. Todo esse time é elencado por músicos extremamente competentes e engajados em uma proposta consistente.

“Anavantou!” é a miscigenação do grupo instrumental sergipano “Membrana” que conta com as participações de Pedrinho Mendonça, de Júlio Rego e de Dudu Prudente, em junção com um grupo de música instrumental belga, Turdus Philomelos.

Os trabalhos de Nino, da Membrana e da Turdus Philomelos têm características em comum. São profundamente pautados em experimentações com as raízes tradicionais de suas realidades em fusão com outros gêneros musicais. Forró, maracatu e pífano amalgamando-se com o folclore europeu. Aliás, o forró que tem origem nas danças de salão europeias, com um pouco de influência do toré indígena, não faz mais do que re-encontrar-se com um amigo de

longa data. A reunião de lados opostos do atlântico conflui para conceber uma mistura em sintonia com as novas relações do indivíduo global com o espaço. O sintoma dos novos tempos.

Depois de uma turnê, ocorrida entre junho e agosto deste ano, passando por alguns países europeus, o grupo recém-formado se consolida cada vez mais escrevendo músicas juntos e em processo de gravação desta parceria internacional. A ideia desta nova banda, que vem surpreendendo pelos palcos mundo afora, permeada por apresentações instigantes e bastante performáticas, teve surgimento em uma conversa entre dois amigos: o percussionista Dudu Prudente e o cineasta belga Damien Chemin. Pensar em um intercâmbio musical se fazia necessário naquele momento.

O episódio ocorreu quando Dudu estava na Bélgica para finalizar a trilha de sua autoria para o longa, rodado em Aracaju, “A Pelada”. O filme, lançado em 2013 e recentemente distribuído pela Paris Filmes, é a primeira produção da indústria cinematográfica brasileira (apesar de ser uma produção franco-belga-brasileira) gravada 100% em Aracaju, com a maior parte da equipe e do elenco composta por profissionais sergipanos.

A palavra *anavantou*, que significa “avante” em francês, é uma expressão popularmente utilizada nas quadrilhas juninas para marcar o movimento dos dançarinos.



ANAVANTOU!



ANAVANTOU!

Esta ideia semântica, que norteia a base rítmica e harmônica desse novo projeto, se confunde com a essência latente de Nino. Parafraseando um mártir contemporâneo sob um cajueiro em um dia bastante ensolarado, o camaleão de Simão Dias não disfarça a sua

pretensão genuína. Como Chico Science dizia: “Pernambuco embaixo dos pés e a mente na imensidão”. E as coisas vão acontecendo quando tem que acontecer.

Nino já trabalhou muito tempo como *luthier*, fabricando instrumentos musicais, tendo minis-

trado aulas de luteria para adolescentes em situação de risco, através da Fundação Municipal do Trabalho. Em 2006, viajou para a China, onde expôs seus violões e cavaquinhos na II Expo Brasil, a convite do Instituto de Cooperação Internacional, e também realizou shows em casas noturnas e na Universidade de Beijing.

As atividades artísticas manuais sempre o acompanharam,

desde a infância, quando começou a se interessar por pintura. A partir de 2007, Nino retomou essa paixão da infância e voltou a pintar. O seu estilo é eclético e não se considera seguidor de nenhuma escola, apenas experimenta o que o seu inconsciente lhe trás de imagens e registra isso em tela, madeira etc, sempre utilizando as tintas acrílicas. 



SÉRGIO BOTTO

Marcos Melo

Vii-o ainda menino, aí por volta de 1960, de calças curtas, mas de gravata vistosa e elegantes suspensórios, apresentado-se ao piano nos concorridos saraus promovidos pela Sociedade de Cultura Artística de Sergipe, a saudosa SCAS, de tão relevantes serviços prestados à cultura sergipana. Tal precocidade, já que executava peças de autores clássicos de elevada complexidade, indicava que sua trajetória existencial seria marcada pela música e pelas artes de uma maneira geral.

Poucos anos depois, já trajando calças compridas e coadjuvado por Paulo Amilcar (bateria) e Edgar Silveira (violão e cavaquinho) o vi, ao piano, na sede do Cotinguiba, acompanhando as canções/falas da premiada peça “Recital sem Opus”, de autoria do emblemático professor João Costa, que também a dirigiu e atuou ao lado dos atores Orlando Vieira, Chico Varella, Luiz

Antonio Barreto, João Augusto Gama da Silva e Antonio Joaquim. Nunca é demais ressaltar que “Recital sem Opus” é um marco indelével na dramaturgia sergipana e brasileira, aplaudida por seletas e exigentes plateias do Nordeste e do Rio de Janeiro, onde foi levada com retumbante sucesso num importante festival nacional de teatro.

Pessoalmente conheci Sérgio Botto nos ensaios do I Concurso Sergipano de Música, realizado pelo jornal *Diário de Aracaju*, em outubro de 1969, do qual participamos, ele com a belíssima melodia bossanovista – Pequena Canção de um Grande Amor – cujas primeiras letras de cada verso formam o acróstico Taíse (sua namorada à época), repetido nas estrofes do inspirado poema. Defendida pelo cantor e seresteiro Nelson Guimarães, a canção foi muito aplaudida, todavia não logrou classificação porque o Nelsão,

talvez embevecido com o jazzístico solo de órgão do saudoso Nino (Dilermando Orico), não retomou o canto no momento exato da entrega pelo solista para então finalizar a canção, prejudicando a apresentação por ter entrado fora do compasso. Para mim, a música de Sérgio Botto foi uma das três melhores daquele certame, sobretudo pelo refinamento melódico, riqueza harmônica e pela exigência de total afinação ao ser vocalizada em face das nuances melódicas. Desafio vocal para Frank Sinatra ou Clínio Guimarães, este dublê de economista e cantor, que recentemente a gravou acompanhado pelo próprio Sérgio nos teclados e pelo renomado baixista carioca Jorjão. Uma obra-prima digna de integrar qualquer antologia da bossa nova.

Em meados da década de 1970, na condição de funcionário do Banco do Brasil, especializado em câmbio, como fora Dr.



Maurício Botto, seu pai, Sérgio foi ser cidadão do mundo. Primeiro em Salvador, posteriormente em Foz de Iguaçu, depois em algumas cidades americanas e, por fim, se estabeleceu no Rio de Janeiro, precisamente no Largo dos Leões, em Humaitá, onde montou apartamento e estúdio para ensaios e gravações, estrategicamente localizado a meio caminho dos bairros Praia de Botafogo e Lagoa Rodrigo de Freitas.

Nas suas andanças pelas cidades brasileiras e americanas, Sérgio enriqueceu mais ainda o seu repertório de melodias, ritmos e harmonias absorvendo tudo da enorme diversidade musical do Brasil e dos Estados Unidos, certamente os dois países mais musicais do mundo, pelo fabuloso aporte da cultura africana. Embora reservado, em pouco tempo se tornou um importante e requisitado personagem no meio musical e teatral carioca, como compositor, arranjador e músico. Fez parcerias com diversos autores, quer musicando letras de poetas do quilate de um Sérgio Natureza ou escrevendo partituras para te-

atro, inclusive para peças infantis. Ano passado, uma peça sobre o médium Chico Xavier, com música de sua autoria, foi encenada em várias cidades do sul do país.

Residindo em Brasília, por força de cargo que exercia no Departamento Nacional do SESI, constantemente viajava ao Rio de Janeiro e eu sempre o procurava para um chope e uma boa conversa sobre música ou ainda para assistirmos aos shows de MPB e jazz. Tomava ciência de suas novas composições e do trabalho que vinha desenvolvendo com grupos teatrais em estreita articulação com artistas de todos os matizes das artes musicais e cênicas.

Aprendiz de saxofonista, numa dessas viagens, levei o instrumento para mostrar-lhe a minha evolução e, naturalmente, absorver um pouco de seus vastos conhecimentos musicais. Ele então convocou Jorjão, seu amigo e ás do baixo elétrico, para uma jam *session* no seu estúdio. Foi uma noite inesquecível, muito embora os meus sopros, ou melhor, os meus guinchos, estivessem anos-luz aquém do

desempenho desses dois mestres. Mas como ganhei naquela noite em estímulos, em conhecimento e execução de novas escalas e em macetes harmônicos!

Decidi, então, intensificar meus estudos de sax, principalmente depois que Sérgio, de férias, em 1993, foi à Brasília, passar uma semana conosco. Foram dias e noites de muita música quando consegui um pouco de disciplina em matéria de ritmo observando os compassos vindos dos demais instrumentos. Recebi magníficas aulas teóricas e práticas de Sérgio Botto, coadjuvado por Aristóteles Abreu, Queiroz, Siri, Barrão, Nelsinho e pelo cantor Luiz Antonio, excelentes músicos amadores e profissionais que ele conheceu em Brasília e que ficaram seus amigos e admiradores.

A minha insistência em tocar sax produziu alguns frutos e, sem dúvidas, os mais vistosos e maduros foram os registros fonográficos que fiz de 36 maravilhosos temas de *jazz* que, a meu pedido, Sérgio compôs em 2009. Nessas gravações – Siri (guitarra), Barrão (baixo elétri-

co), Nelsinho (bateria) e eu (saxtenor) –, vivemos momentos de enlevo que só a música de alta qualidade pode proporcionar. São composições de excepcional requinte melódico e harmônico que seriam tranquilamente assinadas por um Cole Porter ou por um Gerswhin, na melhor tradição dos grandes mestres que fizeram a refinada música americana no século XX.

Desses temas, 16 foram registrados em CD, intitulado *Songbook, Série Jazz, Vol. 1*, cuja capa frontal é uma expressiva foto do compositor ao piano. Sobre esse nosso trabalho, Sérgio escreveu o comentário abaixo a guisa de apresentação:

“BELA RETRIBUIÇÃO - Nos idos de 1995, ainda morando no Rio de Janeiro, recebi, honrado, a visita do amigo Marcos Melo, que à época, iniciava os estudos de saxofone. Pensando incentivá-lo na sua nova jornada musical, resolvo compor e presentear-lo com um tema jazzístico ao qual dei o nome de *What's Up*. O tempo passou e terminei não lhe mostrando a canção. Recentemente, em 2009,

numa de suas vindas a Aracaju, lembrei-me dela. CD entregue, esperei o feedback. Era a única obra do gênero que tinha escrito até então e sendo Marcos um *expert* em *jazz*, fiquei bastante curioso em ouvir seu veredicto. Desnecessário dizer: ele gostou tanto que, retornando a Brasília, juntou a turma e mandou ver num genial arranjo que valorizou sobremaneira a canção. Ato contínuo, desafiou-me a escrever outros temas para que pudesse gravar um *Songbook*. A princípio relutei, mas ao final, terminei topando. O resultado, além de

Nas suas andanças pelas cidades brasileiras e americanas, Sérgio enriqueceu mais ainda o seu repertório de melodias, ritmos e harmonias absorvendo tudo da enorme diversidade musical do Brasil e dos Estados Unidos.



Com Patty e Samuca Barbosa no studio Siri Records.



Botto compondo.



Botto ensaiando com Ivana Dantas.

SÉRGIO BOTTO

Clínio Carvalho Guimarães

Anotações biográficas

muito proveitoso, fez-me sentimentalmente retornar à América dos anos 70, quando lá residí. Assim, foram 36 temas compostos entre junho e novembro daquele ano. Este primeiro CD, um maravilhoso presente de Marcos, reúne 16 dessas 36 canções, que ele imortaliza com a competência e a beleza do seu sopro, juntamente com esses maravilhosos músicos que são Siri na guitarra, o Barrão no baixo e o Nelsinho na bateria. Bela retribuição! Obrigado, mesmo! (Sérgio Botto)”.

Planejamos que o Vol. 2 seria lançado num encarte duplo, enfeixando as 36 composições, mas, seu inesperado falecimento, em outubro de 2013, frustrou esse intento. Em abril deste ano, então, reuni 17 temas num CD

que intitulei “A Música Instrumental de Sérgio Botto”. Tencionávamos, também, gravar um CD dedicado à bossa nova. Sérgio chegou a compor 5 belíssimas canções que intenciono gravá-las com os mesmos músicos.

Nos últimos anos, completamente dedicado à composição, Sérgio havia deixado de lado o talentoso tecladista e violonista que era. Por insistência minha, ele colocou suas precisas e sofisticadas harmonias num CD contendo *Standards* e uma lindíssima composição sua – *Your Eyes* – que gravei com Siri, acompanhando-me na guitarra. Intitulado “S’ Romantic Jam”, esse CD teve boa aceitação pelos que apreciam a música romântica, incluindo o *expert* João

Augusto Gama da Silva. A experiência foi tão auspiciosa que, dias antes de falecer, Sérgio estava harmonizado um repertório de sambas-canções de Dolores Duran, Antonio Maria, Lupicínio Rodrigues e outros clássicos do gênero, que gravei com Siri. Lamentavelmente, não deu para que ele pusesse suas sofisticadas harmonias ao teclado.

Enfim, o maestro Sérgio Botto viverá eternamente nas 700 músicas que compôs ao longo de sua fascinante trajetória existencial e artística. Caberá a Maurício Barros, seu sobrinho querido, filho *in pectore* e herdeiro desse vasto cabedal, conservá-lo e divulgá-lo porque se trata de um formidável acervo da moderna cultura sergipana e brasileira.

Sérgio Mauricio Petersen Botto de Barros, o nosso Sérgio Botto, pianista, violonista e compositor, nasceu em Aracaju, (SE) em 12 de Dezembro de 1949 e faleceu na madrugada de 30 de Setembro de 2013, também em sua cidade natal, vitimado por um infarto.

Iniciou seus estudos de piano no ano de 1954, e em 1964, com o pianista e concertista Fernando Lopes, no Curso Livre de Música da Universidade Federal da Bahia, os aprimorava, tornando-se um virtuose aos 16 anos. Em 1966, participou como pianista do memorável espetáculo “Recital sem Opus”, peça teatral do Professor João Costa, com músicas de Luiz Antônio Barreto, encenado pelo TECA – Teatro Cultura Artística, sob o patrocínio da SCAS

– Sociedade de Cultura Artística de Sergipe, tendo como atores Orlando Vieira, João Costa, Luiz Antônio Barreto, Francisco Varella, João Augusto Gama, Antônio Joaquim Filho, entre outros.

Dono de um talento extraordinário, percorreu todos os meandros da música desde a erudita, passando pelo *rock*, *jazz* e a bossa nova, adotando o violão (sem jamais abandonar o piano) como seu instrumento preferido e de onde tirava acordes excepcionalmente modernos na melhor escola de Baden Powell e Tom Jobim seus músicos referenciais.

No final dos anos sessenta e início dos setenta, Sérgio Botto começou sua carreira de compositor. Em parceria com Hunald Alencar, produziu belíssimas canções com inspiração afro e temá-

tica romântica com uma boa dose de sergipanidade, sempre tendo o samba e a bossa nova como pano de fundo. Isso mesmo! Sérgio adotou a bossa nova como seu gênero preferido para o exercício do enorme prazer de fazer música, e compartilhar com os inúmeros amigos.

Até hoje, todos que vivemos o seu tempo, lembramos com muito carinho, as reuniões lítero/etílico/musicais nas casas dos amigos Lineu Lins e Alberto Carvalho, recortadas com performances poéticas de “seu” Clodaldo e Hunald Alencar, Amaral Cavalcante, Nubia Marques, Jane Ribeiro, com a prosa poética de Gélío Albuquerque, com a estética de Lineu, com as vozes de Nelsão, Jane Vieira, com os “causos” de Chico Varela, e etecé-

tera, etcétera, etcétera, que não vou lembrar de todos mesmo. Estava, porém, sempre atento aos chorões e seresteiros da cidade, a “velha guarda” da época, grandes conhecedores de música, com a qualidade de um Macepa, Carneira, Argolo e Antonio Teles, para citar alguns, e cuja convivência lhe seria muito útil na sua produção musical futura.

Em meados da década de 1970, na condição de funcionário do Banco do Brasil, mudou-se para Salvador e de lá para o Rio de Janeiro, onde desenvolveu um intenso trabalho musical, participando de diversos e importantes festivais de música como compositor e instrumentista, assinando, também, a direção musical e autoria de inúmeras trilhas sonoras para peças teatrais e cinema.

Em 1998, em parceria com o amigo poeta e jornalista carioca Guilherme Godoy, falecido em 2001, autor do livro de contos e poemas *Tia do Mangue – Menino na Cama* e fundador do grupo Voz e Viola, responsável por importantes pesquisas sobre a MPB, lançou o CD “O Samba Sabe o que Quer”, com intérpretes conhecidos nacionalmente no mundo do samba a exemplo de Nelson Sargento, Delcio Carvalho, Walter Alfaiate, Nadinho da Ilha, entre outros, e arranjos magistrais de Rildo Hora, Paulão 7 Cordas, Celia Vaz e Afonso Machado, o que despertou o interesse da crítica especializada através dos comentários elogiosos no *Jornal do Brasil*, no jornal

O Estado de São Paulo, *O Dia e Tribuna da Imprensa*.

Sobre esse trabalho com Godoy, escreveu Ricardo Cravo Albin, em seu *Dicionário da Música Popular Brasileira*, no verbete referente ao poeta Guilherme:

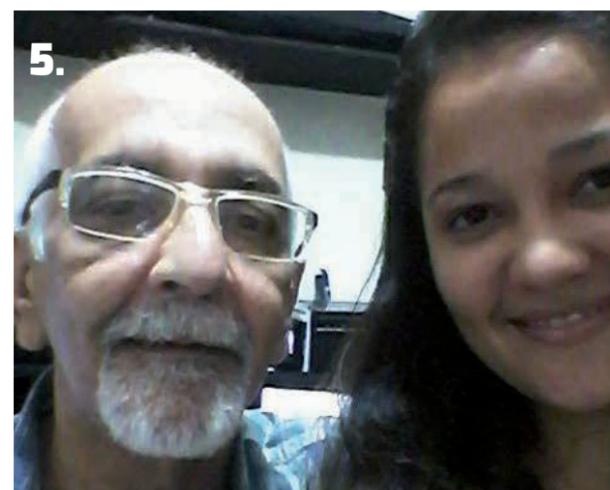
“Ao ler *“Tia do mangue – Menino na Cama”*, o pianista sergipano Sérgio Botto (ex-funcionário do Banco do Brasil) resolveu convidá-lo a fazer umas parcerias. Em pouco tempo, tinham compostos diversos sambas, que mais tarde originaram o disco “O samba sabe o que quer”.

Em 1998, reuniu diversos amigos importantes no cenário da MPB e gravou o disco “O samba sabe o que quer”, com letras suas e músicas de Sérgio Botto. Neste CD, além de cantar “Bilhete de ida” e “A loura do *backing*”, contou com várias participações nas outras faixas: “O samba sabe o que quer”, interpretada por Décio Carvalho, Tânia Machado e Walter Alfaiate; “Se o homem não chora”, cantada por Tânia Machado com arranjos e gaita de Rildo Hora, e “O trem da história”, cantada em dueto por Nelson Sargento e Nadinho da Ilha, com arranjos de Paulão Sete Cordas. Outras músicas foram contempladas com arranjos de Afonso Machado, Luiz Flávio Alcofra, Tito Freitas, Misael da Hora, e Célia Vaz. O disco conta ainda com as participações de jovens cantoras – Kelly Benevides, Letícia Carvalho, Marilyn Carrilho e Valéria Mariano e músicos componentes do grupo Água de Moringa”.

Ainda no Rio, assinou a direção musical da peça “Um homem D’Outro mundo”, do diretor gaúcho Ivens Godinho, com recortes baseados na vida e obra do médium Chico Xavier.

Depois de um longo tempo fazendo a ponte aérea Aracaju-Rio, veio em 2003 morar, definitivamente em Aracaju, onde prosseguiu com sua produção da música e estabeleceu um contato mais íntimo com a cena musical da terriinha. Em 2004, foi homenageado no Teatro Tobias Barreto pela

“Dono de um talento extraordinário, percorreu todos os meandros da música desde a erudita passando pelo *rock*, *jazz* e a bossa nova adotando o violão (sem jamais abandonar o piano) como seu instrumento preferido e de onde tirava acordes excepcionalmente modernos na melhor escola de Baden Powell e Tom Jobim, seus músicos referenciais.



1. Com o cantor Nino Karvan.
2. Da esquerda para direita, Cláudio Guimarães, Ludwig Oliveira, Sérgio Botto, Medeiros e Djalma.
3. Com o cantor Cláudio Vilanova.
4. No Show de Dana Estavo na “Toca do Índio” com Marta Anjos e Paulo Lobo.
5. Ouvindo MPB com a cantora Dana Estavo.
6. O cantor Luiz Arnaldo, intérprete de algumas canções de Sérgio Botto em parceria com Marcelo Ribeiro.



CD Fina Flor. Sérgio Botto em parceria com Marcelo Ribeiro.

cantora carioca Denise Pinaud, que interpretou a canção “Primeira Audição”, de sua autoria em parceria com Guilherme Godoy durante a apresentação do Projeto Pixinguinha em caravana que contou com as presenças de Celso Viáfora, Fabiana Cozza e Francis Hime, além da própria Denise.

Lembro de tê-lo visto comentar sobre a excelência da música feita por aqui a partir da convivência mais próxima de Ismar Barreto, Guilherme Mannis, Sergio Maestro e o Grupo Vocal Vivace que incluiu no CD “Música Erudita em Sergipe – Sec XX” a canção Mercedes de sua autoria em parceria com Godoy.

Sendo ele um entusiasta da música instrumental, compôs 36 temas jazzísticos de altíssima qualidade, gravados ao sax tenor de Marcos Melo, acompanhado por um grupo de músicos brasileiros e registrados em dois *SongBooks* imperdíveis.

Do mesmo modo, achou estimulante o encontro com cantores e intérpretes locais, alguns já conhecidos e com as jovens cantoras que conheceu aqui e projetou a divulgação de suas composições, com a participação ativa muito incorporada à cena da cidade, projeto esse apenas parcialmente executado em função do

seu precoce desaparecimento. O sentimento de perda dessas meninas é enorme, uma vez que viam no talentoso e experiente músico que era Sérgio uma maneira das mais acessíveis ao aprimoramento de seus talentos individuais.

Sua partida aconteceu num momento dos mais profícuos, quando, em parceria com o poeta Marcelo Ribeiro, dava retoques finais ao projeto do CD “Fina Flor” a ser lançado em breve aqui em Aracaju e sobre o qual assim se referiu seu parceiro: “Este CD é uma liliputiana homenagem que prestamos – eu e outros admiradores – à memória de Sérgio, um competente, dedicado e versátil músico e compositor. Primordialmente, uma singular figura humana. Juntos, produzimos cerca de oito ou nove dezenas de canções. Traço a público algumas gotas do seu borbulhante oceano criativo. Neste trabalho, assino eu as letras e ele as enriquece com o incontestável talento melódico. Tarimbados cantores da terra (Luiz Arnaldo, Nino Karvan, Paulo Lobo, Tom Robson, Neu Fontes, Dana Estavo, Cris Assunção) e alguns de fora (Indiana Nomma, Andréa Montezuma e Toni Barreto) aliam-se a valorosos músicos daqui (João Ventura, Lito,

Roney, Júlio de Lima, Pequeno, Adriana, Nurimar, Gentil) e do Rio (o incrível pianista Cristóvão Bastos, Jurim Moreira, Roberto Stepheson, Gretel Paganini e José Carlos Santos) para, sob a batuta dos talentosos Melquise-deck (nosso diretor musical em Sergipe) e do maestro Jorge Carvalho, o Jorjão – radicado no Rio de Janeiro, são dele os arranjos de nove das canções, gravadas no STUDIO UP –, não deixarmos que seja esquecido o memorável Sérgio Petersen Botto”.

Foi o seu canto de cisne no dizer do amigo e parceiro Marcos Melo.

Pra mim, sua precoce partida foi uma perda pessoal muito grande. O Baixinho, como o tratava, foi dos primeiros amigos que fiz aqui em Aracaju quando aportei vindo do interior no recuado ano de 1964. Quiseram todos os santos e orixás que, após nos deleitarmos com o sergipano Zé da Velha e seu parceiro Silvério Pontes, num memorável show no Teatro Atheneu em 29/09/2013, nos despedíssemos com um encontro marcado para o dia seguinte que nunca aconteceu. Só queríamos ouvir uns sambinhas! Sergipe perdia, naquele 30/09/2013 um de seus mais talentosos artistas. **C**

PF

RI

FE

RIA

*Você não entra
na periferia, mas a
periferia entra em
você!*

Lelé Teles

Durante décadas, alijada de visibilidade midiática, a Periferia do Brasil – grafemos em maiúscula quando representar todas as periferias – sofria de baixa estima.

Periféricos tinham vergonha de conversar fora de seu nível social, porque assimilavam o discurso dominador de que a moçada da Periferia falava mal, feio e errado. Seu linguajar, cheio de “erros de concordância”, chegava a “doer no ouvido”. Por isso, ficamos sempre de cabeça baixa ao falar com os patrões, aceitando sua inferioridade.

A escola pública era outro empecilho. Lá, desde criança, aprendiam seus limites. A escola estava programada para fazê-los aceitar que a conclusão do ensino médio representava uma formatura, e era o rito de passagem para a vida adulta; isso não significava que o jovem agora estava pronto pra ingressar na universidade, mas que já estava preparado para o mercado de trabalho.

SEMPRE SUBALTERNO

Mas muitos já nem iam à escola, começando a trabalhar muito cedo. Como lenitivo, as iniciativas sociais de geração de emprego, por meio de instituições sociais públicas, ofereciam sempre os mesmos cursos de capacitação para os jovens pobres: continuarão pobres: garçom, manicure, padeiro, pedreiro...

De uma maneira geral, a Periferia sempre foi um lugar es-

quecido pelo poder público, pelo qual é vista como um problema difícil de ser mitigado.

Os habitantes desse aglomerado humano, semiurbano, vivem ainda como deficientes cívicos, sem consciência de seus direitos e cobrados a todo momento quanto aos seus deveres.

Por décadas, na Periferia, não havia lugar para sonhos e todos estavam presos a um pseudo determinismo social imobilizante. A polícia completava o serviço por meio de porrada, humilhação e tiros na nuca.

Mas isso aos poucos vai virando apenas uma caricatura, a Periferia mudou muito na última década.

Algo começa a se mover.

HIP HOP

No início dos anos de 1990, os Racionais MC's lideraram uma verdadeira revolução na periferia de São Paulo, que se irradiou por outras comunidades em todo o Brasil. Os *rappers* mostravam, de forma contundente, que a Periferia tinha cor e era pela cor que seus habitantes eram identificados e, automaticamente, discriminados.

Situando-se bem no seu lugar de fala, como diz Foucault, os Racionais criaram um novo discurso, consciente, reativo, afirmativo e propositivo. As Periferias passaram a comunicar-se entre si, enxergaram os pontos comuns, viram-se como uma

**PERIFERIA
É PERIFERIA
EM
QUALQUER
LUGAR**

Periferia é Periferia
RACIONAIS MC'S

imensa comunidade e resolveram viver em comunhão. Como diz o refrão “periferia é periferia em qualquer lugar”.

Aí começou uma revolução dos costumes. Jovens da Periferia adotaram uma maneira própria de se vestir e de caminhar (a ginga), passaram a ter orgulho de sua cor à medida que conheciam a história de sua raça.

Com o *Hip Hop*, que une os elementos (1) dança (2) canto (3) batida e o (4) grafite, a juventude da Periferia passou a ser protagonista de suas histórias, uma vez que os MC's, verdadeiros cronistas sociais, procuravam mudar a mentalidade da rapazeada, cobrando às autoridades, criticando as precárias condições de vida e criando, também, formas de representações de pertencimento, orgulho de ser e de estar e empoderamento discursivo.

Ao mesmo tempo, no Rio de Janeiro explodia a revolução do *Funk* propondo a libertação da mulher, que passou de objeto no samba, para sujeito no *Funk*.

Em Pernambuco, o Mangue Beat falava dos que vivem na lama, dos que vivem do barro, dos pobres e dos podres da sociedade. Como o fez Josué de Castro outrora.

Todos esse movimentos viraram teses de mestrado e doutorado em universidades no país inteiro.

Há pouco, uma novela global, no prestigiado horário nobre, tinha a periferia como tema, cada vez mais há negros na TV e a Regina Casé trouxe a periferia e sua

gente para dentro dos lares brasileiros, em pleno domingo.

E a perifeira do Esquenta é essa nova periferia.

GOVERNO LULA\DILMA

De 2003 a 2013, 36 milhões de brasileiros saíram da linha de pobreza, mais de 3 milhões conseguiram casa própria por meio de iniciativas do Governo Federal, reduziu-se o índice de mortalidade infantil e aumentamos nossa expectativa de vida, a ONU ratifica que o país saiu do vergonhoso mapa da fome, negros e pobres nunca foram tão numerosos nas universidades, agora há cotas para o serviço público.

Estamos diante de uma força centrípeta, da periferia para o centro.

Com a força de suas mensagens, o poder vibrante de suas batidas, o ritmo frenético de sua sonoridade, suas cores, sua alegria e sua energia, o *Funk*, o *Rap* e o *Mangue Beat* entraram nas casas de classe média e média alta.

Hoje, a Periferia saiu da invisibilidade e se faz presente em todos os lugares, das galerias de arte aos grandes salões de festa, das passarelas da moda ao cinema, da literatura ao entretenimento, com o seu linguajar próprio, com a sua própria forma de lhe dar com o corpo; com o seu estilo de vida, em uma palavra.

A renda média nas favelas brasileiras, onde vivem mais de 11 milhões de pessoas, cresceu mais de 54% na última década*.

**NÃO
espere
nada do
CENTRO
se a
periferia
estiver
morta!**

Fred Zero 4, um dos fundadores do movimento Mangue Beat.



Mais de

11

milhões
de pessoas
vivem em
periferias*.

*Dados do livro Um Pai Chamado Favela, de Renato Meirelles e Celso Athayde.



1.



2.



3.



4.

1. Hot Black, apresentador do Estação Periferia produzido pela TV Aperipê.

2. Hot Black entrevistando o cordelista Chiquinho Beira Mar.

3. Programa Esquenta, com Regina Casé na Rede Globo.

4. Racionais MC's.

Com pleno emprego, o país oferece mais oportunidades, mais qualificação e melhor remuneração, microcrédito para empreendedores e os pontos de cultura, espalhados por todas as periferias do país, e criou uma nova perspectiva para a moçada, com a profissionalização de toda a cadeia produtiva cultural.

Essa é a Periferia que aparece no programa Esquenta, alegre, orgulhosa de si mesma, talentosa, irreverente, negra, socialmente bem resolvida e economicamente em ascensão.

A introdução da periferia, como cenário e como tema principal, abriu a nossa literatura no início do século XX, saindo do lugar-comum e monótono em que sempre esteve.

Foi também a entrada da periferia como tema principal que renovou o nosso cinema, em filmes como Cidade de Deus e os Tropa de Elite.

Em Sergipe, um grupo de jovens antenados a essa nova força motriz social, criou um programa de TV, Estação Periferia, que percorria todas as quebradas do Brasil mostrando tudo o que ocorre

de bom por lá, entrevistando escritores, poetas, músicos, atletas, dançarinos, acadêmicos e empreendedores. O programa, pela força de sua temática e a qualidade de sua produção, foi exibido em 69 países pela TV Brasil.

Antes cabisbaixo e subalterno, hoje o jovem periférico quer mais é ser visto, quer mais é aparecer, quer dar rolê no shopping, quer ostentar, não quer mais se aceitar inferior e subalterno. Quer cada vez mais visibilidade.

Você não entra na periferia, mas a periferia entra em você.

CULTURAS POPULARES

José Paulino da Silva



Das regiões litorâneas às quebradas do sertão, vivem inúmeros artistas populares, muitas vezes desconhecidos pela mídia, entretanto portadores de grande potencial criador. São grupos folclóricos, artesãos, aboiadores, contadores de histórias, poetas repentistas, rezadeiras, sanfoneiros, violeiros, homens e mulheres da lida do campo, vaqueiros; além dos artistas das periferias urbanas envolvidos com manifestações tais como o *hip hop* e o grafite.

Toda essa riqueza que constitui o mapa dessa diversidade cultural está à espera de políticas consequentes e competentes, traduzidas em medidas efetivas, contínuas e, sobretudo, sem muita burocracia. Não há dúvida de que, no âmbito da legislação e da gestão pública, nestes últimos dez anos, tem havido iniciativas louváveis para melhorar o quadro de abandono a que foi relegada, ao longo dos tempos, esta riqueza

cultural. A adoção de apoio através da criação de editais culturais, as leis de incentivo à cultura, a criação dos pontos de cultura são alguns exemplos que merecem ser consolidados e ampliados.

Mas antes de falar sobre esse colorido e sonoro mosaico que é a arte do povo, vale deixar claro o que eu entendo por essas duas palavras que podem ter diversos significados. Na verdade, é mais exato dizer “culturas populares”,

do que usar tal expressão no singular. Isso porque trata-se da produção simbólica e material do povo, marginalizado das decisões políticas e do poder econômico, mas, ao mesmo tempo, rico e diverso em suas características. O uso no plural ‘culturas populares’ é mais adequado pois o operário, o trabalhador rural, o pequeno proprietário rural, o pequeno comerciante, o funcionário público, o subempregado,

o morador de uma periferia urbana, os sem-teto e os sem-terra, entre outros, são agentes criadores dessa cultura.

O papel da Sociedade

É evidente que não se pode creditar toda responsabilidade de apoio à cultura e, em especial, à cultura popular, apenas aos governantes. A sociedade, através de suas organizações e, sobretudo, as instituições de ensino e de pesquisa devem e podem fazer sua parte. Neste sentido, chamo especial atenção para o papel social das nossas universidades públicas. Elas se encontram ainda muito fechadas para esta temática. Ainda são poucas as universidades que têm, por exemplo, em seus cursos de letras, estudos da literatura de cordel. Os mestres da cultura po-

pular não marcam presença nos bancos das universidades para o transmitir sua sabedoria, sua arte acumulada durante anos e

É evidente que não se pode creditar toda responsabilidade de apoio à cultura e, em especial, à cultura popular, apenas aos governantes. A sociedade, através de suas organizações e, sobretudo, as instituições de ensino e de pesquisa devem e podem fazer sua parte.

anos de vivência. Falta-lhes o referendo do diploma. No entanto, isto não seria impedimento para a apresentação, o estudo e debate desta produção cultural.

Repente e filosofia na sala de aula

Estabeleci uma relação muito próxima com a cultura popular a partir do meu convívio de menino junto a contadores de histórias, ouvindo leituras de folhetos de cordel, vendo e ouvindo tocadores de viola nas cantorias, assistindo apresentação de mamulengo, vendo pastoril profano, ouvindo tocadores de sanfona de oito baixos, rabequeiros, convivendo com vaqueiros aboiadores. Estas manifestações presentes no meio rural onde vivi minha infância não só ampliaram meus horizontes culturais, como

também foram a base para que eu valorizasse esta riqueza do povo nordestino.

Na década de 1970, como professor de Filosofia da Educação da UFS, levei dois poetas repentistas para sala de aula, a fim de melhor exemplificar uma unidade temática em estudo: a relação entre filosofia e poesia. A presença de dois poetas violeiros repentistas causou uma grande surpresa no meio acadêmico. Alguns colegas chegaram a me censurar por aquela iniciativa. Entretanto não me preocupei. Sentí o quanto os alunos gostaram da experiência. Tinha certeza de que era importante dar oportunidade para que os jovens conhecessem os valores da cultura popular. Seja nas universidades ou nas escolas de primeiro e segundo grau, temos que estimular o conhecimento desta cultura.



Artistas do grupo Depoisdascinco durante apresentação de espetáculo de cordel em escola do DF.

Foto: Márcia Santos/Divulgação



Alunos de escolas públicas sergipanas participam da comemoração do Dia do Folclore em 2013 com o grupo Parafusos da cidade de Lagarto.

Foto: Ana Lícia Menezes



Lambe Sujos, em Laranjeiras.

Foto: Bruno Cesar/Divulgação



Vaqueiros aboiadores.



Bonecos de Mamulengo.

Conhecer é, sem dúvida, o primeiro passo para gostar da qual, incentivá-la e difundi-la.

Valorização da cultura popular

O desconhecimento da cultura popular por parte das instituições de ensino é uma realidade que pode e deve ser superada. Esta superação pode acontecer através de professores e da própria administração das escolas no convívio com a comunidade onde a escola está situada. O mestre Paulo Freire nos ensinou que a educação deve ter como ponto de partida e de chegada a realidade do educando. Muitos alunos desgostam da escola porque ela não estabelece esta relação com sua vida, fechando-se em áridos programas. A abertura das escolas para os valores da cul-



Xilogravura: Severino Borges

tura popular não pode acontecer apenas no mês de agosto, quando se comemora o dia do folclore ou durante o mês de junho, quando se celebra o ciclo junino. É de fundamental importância que as comunidades sejam reconhecidas

e respeitadas em sua cultura. A propósito, relembro esta observação de Kliksberg quando diz que “os pobres sentem que além de suas dificuldades materiais, há um processo silencioso de ‘desprezo cultural’ com relação a seus

valores, tradições, saberes, formas de relação (sendo que) ao se desvalorizar a cultura, está se enfraquecendo a identidade. Uma identidade golpeada gera sentimentos coletivos e individuais de baixa autoestima”.[1]

Valorizar a cultura produz um efeito positivo nas pessoas. As pessoas se reconhecem no seu grupo social. Além do sentimento de pertença, é também uma forma de demonstrar que os seres humanos têm um forte potencial de criar, manifestar seus sentimentos em cores, sons, danças ou materializando-os – como os santeiros que demonstram sua fé através da madeira ou argila. Expressar-se, criar, é também fortalecer laços comunitários de reconhecimento. Culturas Populares podem ser um bom antídoto para muitas mazelas do mundo contemporâneo.



Festas juninas com crianças na Creche Vila da Amizade, no RJ. Imagem extraída do site <http://vilaamizade.blogspot.com.br/>



Foto: Ana Lícia Menezes

O interesse e a participação de crianças e jovens nos festejos são ferramentas imprescindíveis para que as culturas populares não morram.



Foto: Fabiana Costa/Secult

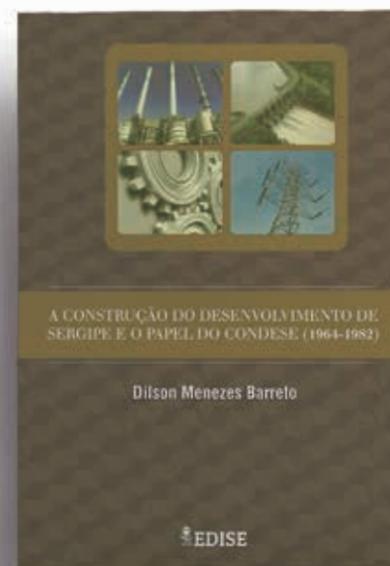
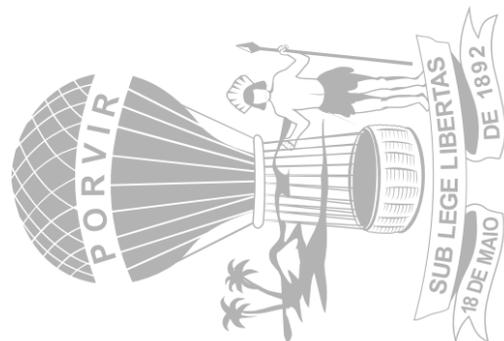


Fotos reproduzidas do Facebook/Linha do Tempo/Secult Sergipe.

Referências: [1] Bernardo Kliksberg – O mito do desenvolvimento social. Ed Cortês/Unesco, São Paulo, 2001, p.141.

LIVROS

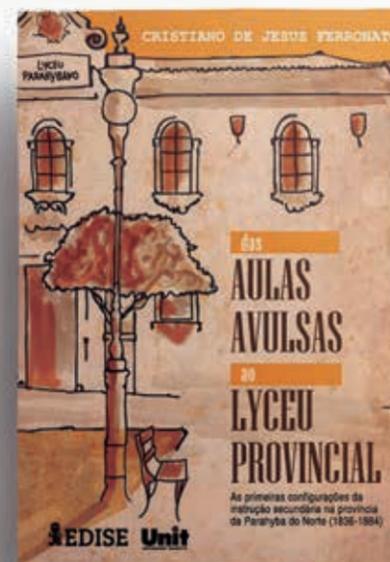
EDISE



A construção do desenvolvimento de Sergipe e o papel do Condece (1964-1982)

Dilson Menezes Barreto

Nas páginas deste livro, o leitor irá conhecer não só um viés do processo de desenvolvimento do país e do estado de Sergipe, como também a história do CONDESE, do economista e professor José Aloísio de Campos e um pouco da história profissional do próprio autor. Trata-se de uma leitura que interessa a vários tipos de leitores, não só a estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação na área das ciências sociais e das ciências humanas, mas também profissionais ligados ao aparelho técnico-burocrático do Estado e que precisam deste conhecimento para refletir sobre suas práticas, bem como aquele leitor que quer simplesmente conhecer e compreender um pouco mais do processo de desenvolvimento histórico-social de Sergipe.

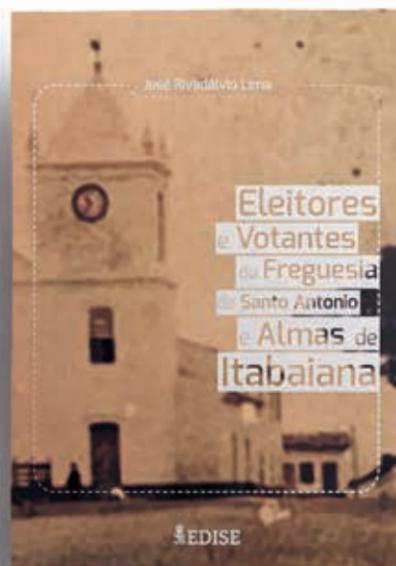


Das Aulas Avulsas ao Lyceu Provincial: as primeiras configurações da instrução secundária na província da Parahyba do Norte (1836-1884)

Cristiano de Jesus Ferronato

Este livro trata da discussão acerca do processo de organização e estruturação do ensino secundário, na Província da Parahyba do Norte imperial, onde foram realizadas experiências de escolarização, tanto no funcionamento das aulas avulsas, quanto no Lyceu Provincial que, alguns anos depois, passou a se chamar Lyceu Parahybano. Cristiano Ferronato delimitou o seu estudo entre os anos de 1836, ano de criação do Lyceu Provincial, e 1884, ano em que o mesmo foi fechado durante quase oito meses para dar lugar à primeira escola normal da Província. Todavia, o projeto malograra, fazendo com que o Lyceu recobrasse a sua identidade enquanto espaço privilegiado de estudos propedêuticos e preparatórios para o ensino superior.

Coedição: Universidade Tiradentes - Unit



Eleitores e Votantes da Freguesia de Santo Antonio e Almas de Itabaiana - 1875

José Rivadávio Lima

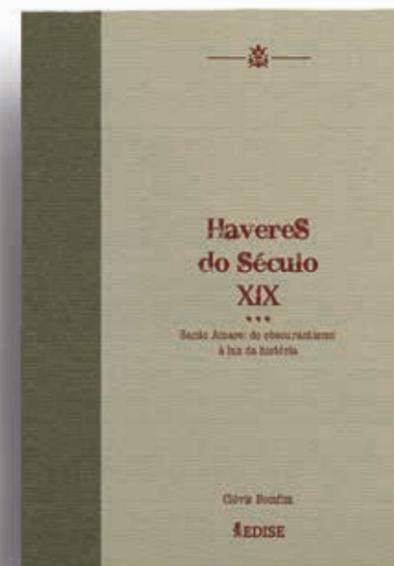
O livro de Rivadávio Lima é uma nova contribuição ao nosso autoconhecimento. Os documentos nele editados nos conduzem ao longínquo ano de 1875, quando à antiga freguesia que abarcava terras que hoje constituem os municípios de Santa Rosa de Lima, Moita Bonita, Malhador, Ribeirópolis, Frei Paulo, Itabaiana, Areia Branca e Carira. O objetivo desta pesquisa é estimular os interessados pelo conhecimento sobre Itabaiana e os pesquisadores da História de Sergipe, na busca de suas origens ou da origem de suas famílias, ampliando, assim, a leitura dos sergipanos sobre si mesmo.



Experiências e Reflexões sobre o Desenvolvimento Rural e Regional: realidades do Nordeste Brasileiro

Organizadores: Diana M. de Carvalho; Fernanda V. de Alcantara; José E. da Costa

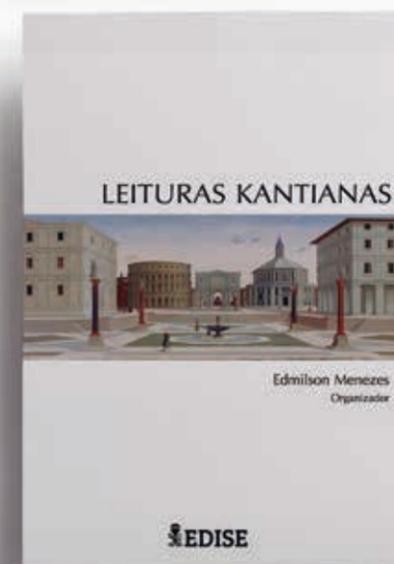
Este livro foi organizado na tentativa de ampliar o debate em torno das questões que envolvem agricultura familiar e desenvolvimento rural, a partir de estudos desenvolvidos nas diferentes regiões brasileiras sobre o prisma analítico de pesquisadores de áreas distintas, porém afins, o que torna uma análise plural sobre a produção do espaço e suas contradições. Nos artigos aqui presentes, os autores revelam, por meio de vastas pesquisas e debates teóricos, o domínio e a percepção das transformações ocorridas no mundo rural atual.



Haveres do Século XIX

Clóvis Bomfim

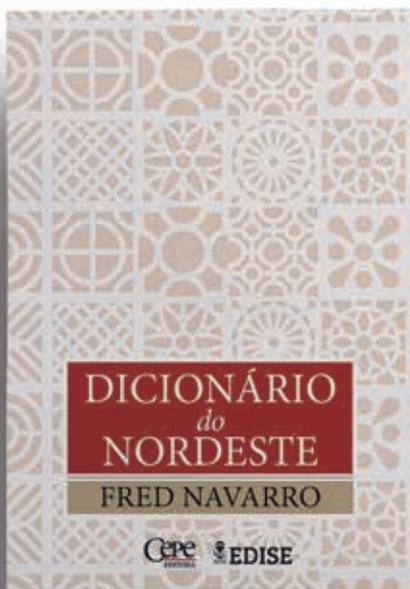
Neste livro, o autor se debruça sobre a história de sua cidade, Santo Amaro das Brotas, e esmera-se no labor de buscar fatos verdadeiros, mesmo que, para isso, engendre esforços desmedidos. Narra os fatos com docilidade e poesia, ao mesmo tempo que revela a crueza e as mazelas de que foram protagonistas e/ou vítimas, os antepassados dessa cidade. Na pegada do autor e de sua perfeita narrativa, o leitor se embrenhará junto com ele, ora nas lutas entre Maruim e Vila de Santo Amaro, quando dará à vida e à morte sua cor; ora na constatação de que também, aquele povo, em sua maioria, foi e é ávido de paz e de bem viver.



Leituras Kantianas

Edmilson Menezes (Organizador)

Neste livro, Edmilson Menezes apresenta, em primeiro lugar, o debate descrição-narração na história natural; em segundo, o debate poligênese-monogênese e, em terceiro lugar, a questão da epigênese e a pré- formação. O objetivo deste estudo é demonstrar que os conceitos são originados em discussões da história natural, mas são também reinterpretados e resignificados por Kant no seu novo uso. O esclarecimento do debate e o reconhecimento da interpretação kantiana a respeito dos conceitos da história natural nos permitiriam entender, parcialmente, o alcance e o limite dos elementos “antropológicos” do executor das operações lógico-semânticas do formulador e solucionador de problemas.



Dicionário do Nordeste

Fred Navarro

Como cobertura específica da cultura e das palavras que a sustentam, o Dicionário do Nordeste tem as duas virtudes de uma grande obra: a amplitude e o detalhismo. Há atenção ao universo dos possíveis e o detalhamento milimétrico em cada verbete e em cada referência precisa. Neste livro, estão expostas expressões curiosas como, por exemplo, “casa de camelo”, “marcha-vilícia”, “sol coado” etc.

Coedição: Cepe - Companhia Editora de Pernambuco



Memórias de uma fraternidade cristã

De: Carmen Machado Costa, Clara Leite de Rezende, Geraldo de Oliveira, José Alaexandre Diniz, José Carlos de Oliveira, Salvador de Oliveira Ávila e Wellington Santana (Organizadores)

Este livro é um registro de memórias. Memórias de um grupo de jovens universitários que, na Aracaju do final dos anos cinquenta e início dos sessenta do século passado, vivenciaram uma experiência de vida cristã, participando do movimento Juventude Universitária Católica - JUC, em torno do então Padre Luciano José Cabral Duarte, rico em inteligência, carisma, vontade, senso prático, erudição. Assim, este livro foi escrito para servir de memória de tudo aquilo que antecedeu os dias de hoje, para aqueles que, ao longo na suas vidas, se pautaram nos elevados valores com os quais construíram suas existências e influenciaram, ainda que sem alarde, a sociedade que estamos construindo.



FARIA
X